

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

GUILHERME DE MATOS ZINGANO

UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE ÁRBITROS DE BASQUETE: O CASO DO RIO
GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2010

GUILHERME DE MATOS ZINGANO

UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE ÁRBITROS DE BASQUETE: O CASO DO RIO
GRANDE DO SUL

O presente trabalho de conclusão de curso
faz parte dos requisitos necessários para a graduação
no curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Mário Roberto Generosi Brauner

Porto Alegre

2010

AGRADECIMENTOS

A minha namorada, Carol, por ter me ajudado a trilhar esse caminho, dando força nas horas difíceis, fazendo com que eu sempre seguisse em frente.

Ao meu professor orientador, Mário Brauner, por não ter desistido da minha orientação, mesmo com todo o tempo que tivemos para aprontar este trabalho de conclusão.

A minha irmã, Gabi, pela doçura que tem ao motivar-me e abordar certos temas, muitas vezes por mim não reconhecida.

A todos os entrevistados e demais pessoas que colaboraram para que este trabalho fosse feito, muitas vezes tendo que privar-se de certas coisas para terem um tempo disponível para mim.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais
por sempre me apoiarem nessa caminhada,
mesmo quando fiz minha andança por vários
cursos de graduação, até quando ficaram sabendo
que minha formatura havia sido adiada para
o corrente semestre.

“Se você acredita que pode,
você tem razão. Se você acredita
que não pode, também tem razão.”

Henry Ford

RESUMO

O basquete é um grande fenômeno esportivo de nossos tempos, sendo de interesse de muitos setores do mundo atual, tais como: técnicos, atletas, torcedores, mídia, patrocinadores e, por último, árbitros. Devido à grande influência da arbitragem nos outros setores, achamos ser de fundamental importância um estudo relacionado com a formação de árbitros nesse esporte. Por isso o presente estudo pretende analisar e discutir o processo de formação de árbitros de basquete no Rio Grande do Sul.

Para tanto além da análise de dados teóricos referentes a esporte, basquete, arbitragem e formação de árbitros, foi realizada uma pesquisa de campo, de corte qualitativo, baseada na aplicação de entrevistas semi-estruturadas com um grupo de protagonistas que constituem o universo da arbitragem de basquete em nosso estado (com o Coordenador Nacional da Arbitragem da CBB, com o Presidente da Associação Gaúcha dos Oficiais de Basketball - AGOB, com o Diretor de Árbitros da Federação Gaúcha de Basquete - FGB e único árbitro gaúcho do Novo Basquete Brasil - NBB, e com um árbitro advindo de um dos últimos cursos de formação).

A partir da análise dos discursos dos entrevistados e de seu cruzamento com os dados teóricos do estudo, verificamos que para um árbitro ter uma carreira de sucesso na arbitragem gaúcha é necessário que ele estude e dedique-se quase que exclusivamente a ela, o que na realidade é uma tarefa muito árdua por essa função não se tratar de uma profissão. Compreendemos que os cursos de formação não são, satisfatoriamente, preparatórios e entendemos que esses cursos deveriam ter uma estrutura curricular diferenciada em relação a seus conteúdos e respectiva carga horária. Como consequência, apontamos algumas idéias que entendemos podem representar possibilidades concretas na melhoria desses cursos e avanços em direção a uma profissionalização da arbitragem de basquete.

PALAVRAS CHAVE: Formação de árbitros, Basquete, Arbitragem.

ABSTRACT

Basketball is a major sport phenomenon of actual times, being of interest of several different sectors, such as: technicians, athletes, fans, media, sponsors and, finally, referees. Because of the great influence of referees in the other mentioned sectors, a study related to basketball referees education is considered of outmost importance. That's why this paper intends to analyze and discuss the process of education of basketball referees in the state of Rio Grande do Sul,

To do so, besides the analysis of theoretical data related to sports, basketball, referees and referees' education, a qualitative case study was made, based on semi-structured interviews with a selected group of protagonists that are part of basketball referees' universe in this state: the Referees' National Coordinator of CBB, the President of "Gaúcha" Association of Basketball – AGOB, with Referees' Director of Basketball "Gaúcha" Federation – FGB and the only referee from South of Brazil part on New Basketball Brazil – NBB, and with a referee that was part of one of the latest education courses.

From the analysis of the interviewer's speech and the cross reference with theoretical data from the study, it was verified that for a referee to have a success career in South of Brazil it's necessary to study and dedicate almost exclusively for it, which is, in reality, a very hard task, since this job is not considered a profession. It's understood that education courses are not satisfactory enough prepared and it should also have a different curriculum structure, referring to its contents and working hours. As a consequence, some ideas are shown that could represent concrete possibilities of improvements for these courses, and important breakthroughs leading to professionalizing basketball referees.

KEY WORDS: Referees education, Basketball, Referees.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1 ESPORTE..... | 11 |
| 1.1 O QUE CONTAM SOBRE O ESPORTE | 11 |
| 1.2 MAS AFINAL, O QUE É ESPORTE?..... | 12 |
| 1.3 ALGUMAS CLASSIFICAÇÕES DE ESPORTE | 14 |
| 2 BASQUETE | 17 |
| 2.1 ORGANIZAÇÃO DO BASQUETE | 17 |
| 2.2 ESSE JOGO CHAMADO BASQUETE..... | 18 |
| 2.3 REGRAS: COMO ERAM E ALGUMAS MODIFICAÇÕES | 20 |
| 3 ARBITRAGEM | 23 |
| 3.1 BUSCANDO UMA APROXIMAÇÃO CONCEITUAL | 23 |
| 3.2 CLASSIFICAÇÃO DE ESPORTE RELACIONADA À ARBITRAGEM | 25 |
| 3.3 A DIFÍCIL TAREFA DE ARBITRAR BASQUETE | 26 |
| 4 FORMAÇÃO | 29 |
| 4.1 IDEIAS SOBRE COMO DEVERIA SER A CAPTAÇÃO E FORMAÇÃO DE NOVOS ÁRBITROS | 30 |
| 5 DECISÕES METODOLÓGICAS | 35 |
| 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 37 |
| CONCLUSÃO..... | 48 |
| REFERÊNCIAS | 51 |
| APÊNDICE B: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS (COORDENADORES DE ARBITRAGEM) | 56 |
| APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA (ÁRBITRO RECÉM FORMADO)..... | 57 |
| APÊNDICE D: TRANSCRIÇÃO COMPLETA DE UMA ENTREVISTA | 58 |

INTRODUÇÃO

Uma das condições para que um aluno possa se formar no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul é fazer um trabalho de conclusão. Normalmente esse estudo é feito na área de atuação do aluno. Eu, como sou árbitro de basquete, e tenho um grande interesse nessa área, resolvi abordar a arbitragem como tema central de meu trabalho.

Fiz a cadeira de basquete quando estava no meu segundo semestre, me identifiquei com o professor e como já gostava do esporte resolvi me candidatar a monitor da disciplina. Entrei na monitoria e quando estava no seu segundo semestre surgiu a oportunidade de fazer o curso de árbitros da Federação Gaúcha de Basketball. Fiz o curso e me formei como árbitro de basquete no ano de 2005, ano em que comecei a atuar em partidas oficiais, primeiramente como mesário e após um ano nesta função, comecei a apitar partidas como oficial de quadra. Consegui uma boa ascensão, até me tornar árbitro nacional de basquete no início do presente ano, e fui cada vez mais me apaixonando pelo tema "arbitragem". Devido a isso busquei junto ao meu professor orientador realizar minha pesquisa nessa área.

Segundo Cárdenas (2006), no desenvolvimento de qualquer competição esportiva, os árbitros que participam da competição, inevitavelmente constituem um dos elementos mais relevantes de todo o processo; sua importância é imensa, pois, ademais, são os que se encarregam de coordenar e de intermediar, como uma de suas funções prioritárias, entre as outras, duas grandes figuras do evento esportivo: atletas e treinadores. Os árbitros são elementos essenciais para o funcionamento de todo tipo de competições esportivas organizadas, abarcando desde o esporte infantil até o profissional de alto nível.

A arbitragem esportiva é uma das bases para a formação de atletas, pois cada movimento que eles realizam está sujeito a sanções por parte dos árbitros exigindo a adequação dos praticantes da modalidade às regras. A arbitragem dará um *feedback* para os jogadores do que é permitido ou não fazer, influenciando no aprendizado dos mesmos.

Cada erro ou acerto dos árbitros tem uma grande repercussão não só com atletas, mas também com técnicos e com espectadores em geral. Os técnicos podem perder os seus empregos e os fãs do esporte podem ficar muito decepcionados com as derrotas de suas equipes, algumas vezes, atribuindo as mesmas às atuações dos árbitros.

Por volta de 1990 muitos estudos começaram a ser feitos sobre a arbitragem esportiva. Existem estudos que contemplam os aspectos psicológicos (CÁRDENAS, 2006; RAMIREZ, 1999; DE ROSE JUNIOR e COLABORADORES, 2002), estudos sobre aspectos físicos dos árbitros (SILVA E RODRIGUEZ-AÑEZ, 2002; SILVA E RODRIGUEZ-AÑEZ, 2003; REBELO e COLABORADORES, 2002), estudos sobre a arbitragem em geral (BECKER, 1983; MARRERO, 1996). Muitos desses estudos estão relacionados com diferentes esportes, entretanto, essa pesquisa tem por objetivo tratar da temática “arbitragem” dentro da modalidade específica basquete, visto que é de interesse do autor teorizar sobre a mesma.

Dentro desse contexto, e também para que os novos árbitros tenham uma ferramenta que os auxilie em sua progressão, achamos ser importante um estudo sobre a formação dos árbitros de basquete do Rio Grande do Sul. Queremos saber por quais cursos passam, quais estágios são aplicados a eles, como se dá a sua promoção, enfim, como são formados os árbitros.

Por isso, o presente trabalho tem por objetivo principal identificar as condições que influenciam a evolução do árbitro de basquete do Rio Grande do Sul. Para tanto, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: o que deve fazer um árbitro gaúcho de basquete para crescer em sua carreira esportiva?

Como objetivos específicos, buscamos conhecer a organização curricular, a periodicidade, carga horária, quadro de professores e sua qualificação, possibilidade ou exigência de estágios práticos dos cursos de formação de árbitros de basquete do Rio Grande do Sul.

Ainda dentro dos objetivos específicos, pretendemos detectar as normas de progressão dos árbitros gaúchos, verificar a existência de estímulos para sua formação continuada e descobrir os diferentes aspectos levados em consideração para a confecção de escalas de trabalho.

Paralelamente, procuramos comparar o processo levado a cabo no RS com outros processos de reconhecido sucesso, explicitando as possíveis diferenças existentes.

Com isso, nosso trabalho está dividido em quatro partes: a primeira, onde são apresentadas as bases teóricas. Nela abordamos alguns aspectos do esporte, do basquete, da arbitragem e da formação de árbitros. Uma segunda parte, onde apresentamos as decisões metodológicas sob as quais consolidamos a estrutura em que se desenvolveu o estudo, os sujeitos pesquisados e os instrumentos utilizados. Em uma terceira etapa, realizamos a análise

e discussão dos resultados. Na parte final do trabalho, apresentamos algumas considerações a modo de conclusão.

1 ESPORTE

Para começar o capítulo teórico queremos dar primeiro uma visão geral sobre esporte como o grande fenômeno sócio cultural da antiguidade até os dias de hoje. Conceituar esporte. Falar um pouco sobre algumas classificações de esporte e dissertar mais profundamente sobre o esporte competitivo.

Tendo como premissa que o esporte situou-se na segunda metade do século XX, como um dos mais relevantes fenômenos sociais do mundo, pela abrangência do seu envolvimento e de suas relações, é possível explicar-se esta interpretação, principalmente pela mudança conceitual ocorrida nas últimas décadas, quando deixou de perspectivar-se apenas no rendimento, e conseguiu também incorporar os sentidos educativos e o do bem estar social (TUBINO, 1992).

A percepção de que além do esporte de rendimento existe um esporte na escola e um esporte popular, democraticamente disponíveis para todos, mas com sentidos diferentes, faz com que este fenômeno se torne objeto de reflexão em todos os seus aspectos (TUBINO, 1992).

1.1 O que contam sobre o Esporte

Historicamente, podemos dizer que, segundo Vargas (1995), o esporte como vemos hoje em dia não existia na antiguidade:

“Antes de mais nada, é preciso salientar que na civilização greco-romana não existia o que chamamos de desporto. Nem depois. O Império Romano caiu e vieram os bárbaros, em cujo meio não germinou o espírito esportivo. Na Idade Média, reinado do Cristianismo e da Igreja, a preocupação era com a alma e houve uma demonização do corpo, e nesse clima, nem mesmo a higiene corporal era levada em conta. Isso não impediu que a época fosse de lutas, de competições, de guerras e de combates armados. A cavalaria e os cavaleiros reinavam, mas não o desporto. Já na Renascença, que seria um retorno às fontes greco-romanas, não trouxe de volta as atividades agonísticas.”

Para Vargas (1995) é quando, no final do século XIX, no ano de 1896, o Barão de Coubertin reentroniza os Jogos Olímpicos que começa realmente o que podemos chamar de

uma cultura desportiva.

Já Tubino (1992) admite a existência de um Esporte da Antiguidade cujas manifestações mais importantes foram os Jogos dos Gregos. Fala que o Esporte Moderno surgiu no século XIX, criado por Thomas Arnold, na Inglaterra, numa perspectiva pedagógica que em momento algum restringiu os aspectos agonísticos das competições.

No começo, o Esporte Moderno enfatizou o associacionismo, que foi sua primeira referência ética e social. Depois, com a restauração do Movimento Olímpico e sua incorporação ao Movimento Esportivo, a ética também passou a se apoiar no *fair play*. Nessa época, o profissionalismo ainda não era admitido, mas a perspectiva pedagógica de Arnold desaparecia gradativamente. Nessa época é importante relatar que o esporte ainda não tinha a representatividade social dos dias de hoje (TUBINO, 1989).

Porém, em 1936, Hitler ao tentar demonstrar uma pseudo-supremacia ariana nos jogos olímpicos, deu ao mundo um exemplo de como o esporte poderia ser usado como máquina em favor do Estado. Esses ensinamentos foram utilizados mais tarde pelos Estados Unidos e Rússia durante a Guerra Fria, quando surgiu a busca da vitória a qualquer preço, o profissionalismo disfarçado, a exacerbação dos resultados, a maior interferência dos governos no esporte, casos cada vez mais frequentes de doping e suborno, o esvaziamento do *fair play*. Por outro lado é possível falar que o movimento esportivo mundial cresceu muito e aumentou a relevância social deste fenômeno (TUBINO, 1992).

Com esse crescimento do esporte surgiram intelectuais que começaram a pensar sobre tal fenômeno e isso provocou uma revisão conceitual do esporte. O esporte que antes se apresentava voltado apenas para o resultado começou a ser questionado. Cagigal (1979) propôs a interpretação do esporte em dois sentidos: o esporte-espetáculo e o esporte-práxis, sendo que neste último o esporte ganha um grande alcance social, aumentando as possibilidades de participação.

1.2 Mas afinal, o que é Esporte?

Várias conceituações de esporte foram feitas ao longo de todo o processo histórico pelo qual esse fenômeno sócio cultural vem passando. Nesse trabalho não terão grande importância as conceituações de épocas passadas, mas procuraremos fazer uma abordagem

mais recente das mesmas.

Cagigal (1972) apresenta o que parece ser uma das primeiras conceituações um pouco mais completas sobre esporte, onde afirma:

“Esporte é a atividade específica da competição na qual se valoriza intensamente a prática de exercícios físicos com vistas à obtenção por parte do indivíduo do aperfeiçoamento das possibilidades morfo-funcionais e psíquicas, concretizadas em um recorde, na superação de si mesmo ou de um adversário.”

Bordieu (1983,1990), define o esporte como um espaço estrutural de práticas sociais, chamado campo, em que as posições dos agentes sociais são estabelecidas a partir da concorrência e da disputa por objetos e elementos de distinção.

Parlebas (1988), diz que o esporte pode ser entendido operacionalmente como o conjunto finito e numerado de situações motrizes codificadas e institucionalizadas na forma de competição.

Uma busca por visões mais atuais nos remete a Tani (2000), que apresenta um conceito utilizado por Betti (1991):

“O esporte é uma ação social institucionalizada, convenientemente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é, para este, gratificante tanto intrínseca quanto extrinsecamente”.

Já o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), em sua resolução número 046/2002, apresenta o esporte como sendo:

“Atividade competitiva, institucionalizada, realizada conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades desportivas, determinada por regras preestabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos: da natureza, radicais, orientação, aventura e outros). A atividade esportiva aplica-se, ainda, na promoção da saúde e em âmbito educacional de acordo com o diagnóstico e/ou conhecimento especializado, em complementação a interesses voluntários e/ou organização comunitária de indivíduos e grupos não especializados”.

1.3 Algumas classificações de Esporte

Existem vários autores que fazem diferentes classificações desse fenômeno que é o esporte. Bonet escreve um livro de 171 páginas sobre as classificações mais importantes e sobre as grandes especialidades esportivas.

Segundo Guardo e Díaz (2004), o problema mais comum para a classificação é a eleição de critérios. Guardo e Díaz (2004) citando Parlebas (1988), dizem que os critérios de classificação mais comum são:

- As qualidades e aptidões que se consideram mais solicitadas pelos participantes: força, destreza, resistência, velocidade, coordenação.
- O material e instrumentos utilizados: jogos com bola, raquete, mecânicos, com aparelhos.
- O lugar de prática: jogos ao ar livre, sala, pátio, terrenos pequenos.
- A natureza do substrato: esportes de neve, gelo, aéreos, náuticos.
- O número de participantes: individuais, coletivos, jogo de equipe.
- Outros critérios adotados ocasionalmente: motivações suscitadas, possibilidade ou impossibilidade de alimentar-se durante a prova.

Já Tubino (1992), classifica o esporte em três dimensões sociais, que são:

- O esporte-educação: é o esporte da escola, que na visão do autor muitas vezes tem uma percepção equivocada ao transformar as competições escolares, que deveriam ter sentido educativo, em uma reprodução das competições de alto nível, com todas as suas características inclusive seus vícios, deformando o conceito de educação. A educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo.

- O esporte-participação: é a dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes. Tem relações íntimas com o lazer e o tempo livre. Ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária. De um modo geral, tem como propósito a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas.

- O esporte-performance: esta dimensão social do esporte, que permanece valendo pelo próprio conceito de esporte até a década de sessenta, é socialmente importante pelos efeitos que exerce sobre a sociedade. Ao exigir uma organização complexa e investimentos, o

esporte *performance* ou de rendimento, cada vez mais, passa a ser uma responsabilidade da iniciativa privada. Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sobre regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural para que seja praticado pelos chamados talentos esportivos, o que impede de ser comprometida com os preceitos democráticos. É também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas e negativas pode acontecer.

É esse esporte que sofre as maiores críticas, principalmente dos autores que combatem o capitalismo, pois consideram o esporte de competição e suas vinculações com os negócios financeiros sintomas evidentes de um capitalismo exacerbado (TUBINO, 1992).

Porém esse tipo de esporte também tem seus aspectos positivos. Segundo Tubino (1992) são eles: é um meio de progresso nacional e intercâmbios internacionais, ao ser reconhecido como atividade cultural; a organização esportiva comunitária é um fator de fortalecimento da sociedade; existe o envolvimento de vários tipos de recursos humanos qualificados, provocando a existência de várias profissões de especialistas esportivos; favorece o crescimento de mão-de-obra especializada, ao causar uma indústria do esporte; é um fator de geração de turismo; exerce grande influência no esporte popular pelo fenômeno efeito-imitação.

Alguns outros autores incluem nessa classificação os esportes de reabilitação e reeducação, que são as atividades feitas após um período de inatividade por causa de uma lesão ou por causa de um problema de saúde.

Outra classificação de esporte é citada por Fraga e colaboradores (2009). Ele classifica o esporte em dois grandes grupos nos quais importa a relação entre os oponentes: os esportes sem a interação entre adversários, que são aqueles em que os competidores não podem se intrometer na ação dos jogadores rivais, e os esportes com interação entre adversários, nos quais a interação dos competidores faz parte da dinâmica interna do esporte, sendo um requisito fundamental na definição dos resultados de uma partida ou prova.

Esses grupos são divididos em tipos, que são, nos **esportes sem interação**:

Esportes de marca – aqueles baseados na comparação dos registros mensurados em segundos, metros ou quilos (provas de atletismo, remo, ciclismo);

Esportes técnico-combinatórios – aqueles em que a comparação do desempenho está centrada na dimensão estética e acrobática do movimento, dentro de determinados padrões ou

critérios (ginástica artística, patinação artística, nado sincronizado);

Esportes de precisão – aqueles cujo objetivo central é arremessar/lançar um objeto procurando acertar um alvo específico estático ou em movimento, levando-se em consideração o número de tentativas empreendidas, a pontuação estabelecida em cada tentativa ou a proximidade do objeto arremessado ao alvo (bocha, sinuca, tiro esportivo);

E nos **esportes com interação**:

Esportes de combate – caracterizados como disputas em que o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, na combinação de ataque e defesa (boxe, esgrima, sumô);

Esportes de campo e taco – têm como objetivo rebater a bola o mais longe que puder para tentar percorrer o maior número de vezes as bases ou a maior distância possível entre as bases e, assim, somar pontos (beisebol, críquete, softbol);

Esportes com rede divisória ou parede de rebote – tem como objetivo arremessar, lançar ou bater na bola em direção a setores da quadra adversária em que o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma, ou levá-lo a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto de jogo está em movimento (voleibol, tênis, padel, squash, pelota basca);

Esportes de invasão – caracterizados como disputas em que uma equipe tenta ocupar o setor da quadra/campo defendido pelo adversário para marcar pontos, protegendo simultaneamente o próprio alvo ou meta (basquete, futsal, handebol)

Porém, dentre todos esses tipos de classificação dos esportes é muito difícil achar alguma que tenha relação com a arbitragem. Falaremos um pouco mais sobre isso no capítulo relacionado à arbitragem.

2 BASQUETE

É consenso que o basquete nasceu com James Naismith em 1891, como define Daiuto (1991): “o basquetebol foi, na realidade, criado por James Naismith, na *International Young Men’s Christian Association Training School*, em Springfield, Massachusetts, EUA. O esporte nasceu da necessidade de um jogo que pudesse ser praticado durante o inverno em ambiente fechado, que não fosse muito violento e que estimulasse os alunos”. Naismith decidiu colocar o objetivo do jogo horizontalmente, como conta Daiuto: “partindo da ideia de um jogo de sua infância, Naismith resolveu adotar um alvo horizontal e com certa elevação, exigindo que os jogadores atirassem a bola com habilidade e precisão”. De posse de todos esses elementos, criou as primeiras regras do jogo que em seu total foram 13.

A difusão do esporte foi muito rápida. Nos Estados Unidos, começou a ser popularizado logo após sua invenção. Foi introduzido em escolas e universidades já a partir do ano de 1892. No mundo começou a ser praticado também logo após a sua invenção. Os primeiros praticantes foram o México e alguns países da Europa. No Brasil, chegou em 1896, trazido por Auguste Shaw, professor do Mackenzie College, de São Paulo, ao trazer uma bola de basquete dos Estados Unidos.

2.1 Organização do Basquete

Podemos dizer que o basquete atingiu a sua maioridade, em 1932, com a criação da FIBA. Conforme o site da FIBA, a abreviação deriva do francês “*Fédération Internationale de Basketball Amateur*”. A palavra *amateur* foi extinta, após 1986, quando a distinção entre amadores e profissionais foi eliminada, mas o “A” de FIBA foi deixado, pela tradição e também porque podemos utilizá-lo como o “BA” do começo de Basketball.

A FIBA é a entidade que rege o basquete mundial, engloba 213 federações nacionais do esporte, é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional como órgão máximo do basquete e tem sua sede em Genebra, na Suíça. Cabe ressaltar que a FIBA determina as regras do jogo e também indica os árbitros internacionais.

Em 1933, surge, no Brasil, a Federação Brasileira de Basketball que, em 1941, passa a ser chamada de Confederação Brasileira de Basketball (CBB), nome que é utilizado até hoje.

A CBB é o órgão que rege o basquete no Brasil, faz parte da FIBA e tem como afiliadas todas as federações dos estados do Brasil e do Distrito Federal, perfazendo 27 membros.

No Rio Grande do Sul, a Federação Gaúcha de Basketball (FGB) surgiu no ano de 1952, fundada pelo primeiro presidente José Carlos Daudt, com o apoio de 22 clubes fundadores. Hoje, tem 22 clubes filiados e atua regulamentando o basquete gaúcho.

Continuando em nosso estado, existe uma instituição que se chama Associação Gaúcha dos Oficiais de Basketball (AGOB), que, em seu estatuto, “se denomina uma sociedade civil, sem fins lucrativos, constituída não só para agregar todos os Oficiais de Basketball atuantes ou não, como também no sentido de estudo, proteção, coordenação e colaboração com os poderes públicos e demais associações, além da solidariedade social. Possui sede e foro na cidade de Porto Alegre/RS, e base territorial no Estado do Rio Grande do Sul”.

Ainda em seu estatuto diz que suas prerrogativas são:

- a. Representar e defender, perante as autoridades administrativas e judiciárias, os interesses da classe, defesa dos direitos dos Associados e da própria **AGOB**;
- b. Pugnar pela autonomia dos Oficiais de Basketball e pelo reconhecimento da carreira de Oficial como profissão;
- c. Recrutar, formar, avaliar e promover Oficiais de Basketball;
- d. Promover clínicas, cursos, palestras, bem como prestar serviços e dar apoio aos órgãos e Entidades de administração do desporto;
- e. Promover a união de todos os Oficiais de Basketball, dentro de um espírito de ética profissional, camaradagem e interação social;
- f. Estabelecer roteiros, orientações, normas de procedimento e outras medidas que interessem a classe mais estreitamente;
- g. Assumir a indicação de Oficiais para partidas de Basketball amistosas ou oficiais, promovidas pela Federação Gaúcha de Basketball (FGB), Confederação Brasileira de Basketball (CBB), e Ligas ou Entidades envolvidas com esse esporte;

2.2 Esse jogo chamado Basquete

Tsetlin (1961) diz que o basquete; por permitir o desenvolvimento completo dos

jovens com movimentos naturais; tais como a corrida, o salto, o passe e o lançamento; é um dos jogos esportivos mais populares e se pratica na maioria dos países.

De Rose Junior e Tricoli (2005) concordam com Tsetlin e dizem que esses movimentos estão presentes na execução dos diferentes fundamentos do jogo ou na sua combinação, como por exemplo: deslocamentos em várias direções, saltar para um rebote ou para executar um arremesso, passar a bola ou arremessar a cesta. Ressaltam ainda que outra característica importante é a variabilidade de ritmo e intensidade na execução das ações.

Para Daiuto (1974), o basquete é um esporte completo, é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diversos. É um conjunto de corridas, saltos e de lançamentos. É, por excelência, um esporte de coordenação de movimentos e ritmos.

Segundo De Rose Junior e Tricoli (2005), a prática do basquete exige o desenvolvimento de três capacidades motoras condicionais básicas:

a) Força: que pode ser dividida em força de salto (rebotes e arremessos), força de *sprint* (deslocamentos, aceleração e mudança de direção) e força de resistência (manutenção da qualidade dos gestos técnicos durante a partida);

b) Resistência: geral ou aeróbia (responsável pela manutenção do estado básico do atleta e pela condição de recuperação de um jogo para outro) e resistência específica ou anaeróbia (responsável pela execução eficiente e com intensidade adequada dos movimentos específicos durante o jogo).

c) Velocidade: de reação (fundamental para garantir ao atleta a capacidade de se deslocar com rapidez, com ou sem bola, para responder rapidamente os estímulos, como uma saída rápida para interceptar um passe ou receber a bola) e de movimentos acíclicos ou agilidade (para garantir os deslocamentos no pequeno espaço físico da quadra de jogo).

Pode-se considerar ainda a flexibilidade como uma capacidade condicional importante para a prática do esporte, facilitando a aprendizagem e a execução dos fundamentos e também como agente de prevenção de lesões articulares e musculares. (DE ROSE JUNIOR E TRICOLI, 2005)

De Rose Junior e Tricoli (2005) classificam o basquete como um esporte de cooperação e oposição, entendem que a ação desenvolve-se em um espaço compartilhado pelas duas equipes que, na maior parte do tempo, jogam em um espaço ainda mais reduzido (meia quadra), exercendo as funções de defesa e ataque, atuando sobre o objeto do jogo (a bola) simultaneamente, sem que haja necessidade de esperar o fim da ação da equipe que a

detém, acentuando a luta por sua posse para que seja alcançado o objetivo final: a conversão da cesta.

2.3 Regras: como eram e algumas modificações

Na criação do basquete James Naismith publicou as primeiras treze regras do jogo, que de acordo com o site da Confederação Brasileira de Basketball, foram:

- 1) A bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou com ambas as mãos;
- 2) A bola pode ser tapeada para qualquer direção com uma ou com ambas as mãos (nunca usando os punhos);
- 3) Um jogador não pode correr com a bola. O jogador deve arremessá-la do ponto onde pegá-la. Exceção será feita ao jogador que receba a bola quando estiver correndo a uma boa velocidade;
- 4) A bola deve ser segura nas mãos ou entre as mãos. Os braços ou corpo não podem ser usados para tal propósito;
- 5) Não será permitido sob hipótese alguma puxar, empurrar, segurar ou derrubar um adversário. A primeira infração desta regra contará como uma falta, a segunda desqualificará o jogador até que nova cesta seja convertida e, se houver intenção evidente de machucar o jogador pelo resto do jogo, não será permitida a substituição do infrator.
- 6) Uma falta consiste em bater na bola com o punho ou numa violação das regras 3, 4 e 5.
- 7) Se um dos lados fizer três faltas consecutivas, será marcado um ponto a mais para o adversário (Consecutivo significa sem que o adversário faça falta neste intervalo entre faltas).
- 8) Um ponto é marcado quando a bola é arremessada ou tapeada para dentro da cesta e lá permanece, não sendo permitido que nenhum defensor toque na cesta. Se a bola estiver na borda e um adversário move a cesta, o ponto será marcado para o lado que arremessou.
- 9) Quando a bola sai da quadra, deve ser jogada de volta à quadra pelo jogador que primeiro a tocou. Em caso de disputa, o fiscal deve jogá-la diretamente de volta à quadra. O arremesso da bola de volta à quadra é permitido do tempo máximo de 5 segundos. Se demorar mais do que isto, a bola passará para o adversário. Se algum dos lados insistir em retardar o jogo, o fiscal poderá marcar uma falta contra ele.

10) O fiscal deve ser o juiz dos jogadores e deverá observar as faltas e avisar ao árbitro quando três faltas consecutivas forem marcadas. Ele deve ter o poder de desqualificar jogadores, de acordo com a regra 5.

11) O árbitro deve ser o juiz da bola e deve decidir quando a bola está em jogo, a que lado pertence sua posse e deve controlar o tempo. Deve decidir quando um ponto foi marcado e controlar os pontos já marcados, além dos poderes normalmente utilizados por um árbitro.

12) O tempo de jogo deve ser de dois meio-tempos de 15 minutos cada, com 5 minutos de descanso entre eles.

13) A equipe que marcar mais pontos dentro deste tempo será declarada vencedora. Em caso de empate, o jogo pode, mediante acordo entre os capitães, ser continuado até que outro ponto seja marcado.

Após a criação do basquete, as primeiras experiências práticas demonstraram como o jogo poderia ser melhorado, o que logo começou a ser feito. Apesar de ter sido regulamentado sem grandes pretensões, tais modificações nunca alteraram os princípios básicos do jogo; elas objetivaram apenas o aperfeiçoamento dos pontos nos quais, mais tarde, a prática demonstrou a necessidade de adaptação e atualização em virtude da rápida difusão técnica do jogo (DAIUTO, 1991).

Hoje em dia as regras são regidas pela FIBA e sofrem mudança de quatro em quatro anos, sempre sendo anunciadas antes dos mundiais de basquete. Essas modificações visam sempre o aprimoramento do esporte como espetáculo. Algumas grandes alterações das regras foram:

A duração de uma partida que passou de dois períodos de 20 minutos para quatro períodos de 10 minutos. Aparentemente não é uma grande alteração, pois o tempo de jogo continuou o mesmo, mas essa regra tem implicação em outras regras que são, por exemplo, o número limite de faltas coletivas que uma equipe pode fazer por período, antes de ser penalizada com lances livres, que foi alterado desde onze faltas até quatro faltas nos dias de hoje.

Outra modificação relacionada com a duração da partida é a quantidade de tempos debitados, que antigamente era de dois tempos por período, e que hoje passa a ser dois tempos nos dois primeiros períodos e três tempos nos dois últimos períodos.

Uma grande modificação é a criação de um tempo de ataque, que nos primórdios do basquete nem existia, passou a ser de 30 segundos e hoje em dia é de 24 segundos, fazendo

com que a equipe tenha que buscar o ataque e aumentando o número de cestas durante a partida.

Com a criação da linha dos três pontos houve um aumento no placar dos jogos e também um embelezamento do esporte com os jogadores podendo arremessar de longe e mostrar a sua habilidade e precisão, com um bônus para isso.

São essas modificações que tornam o basquete um esporte que exige dos seus árbitros constante atualização, estudo e renovação.

3 ARBITRAGEM

3.1 Buscando uma aproximação conceitual

Neste capítulo faremos uma aproximação conceitual do que é arbitragem, do conceito de árbitro, das tarefas de um árbitro, de uma classificação de esporte que passe pela arbitragem e, por último, especificaremos a arbitragem do basquete.

Buscando um conceito para arbitragem, procuramos no dicionário Aurélio online a definição da mesma, que diz: s.f. Ação de arbitrar: a arbitragem de um jogo. / Solução de um litígio por um árbitro. / Sentença assim proferida: a arbitragem desempenha papel importante na solução dos conflitos coletivos do trabalho. / Operação de Bolsa que consiste na escolha cambial entre diversas praças por comparação de preços. O mesmo que arbitramento. Já o conceito de árbitro é: s.m. Pessoa escolhida por um tribunal ou pelas partes interessadas, para dirimir uma questão: louvar-se na decisão do árbitro. / Senhor absoluto: árbitro da paz e da guerra; árbitro da moda. / Juiz que dirige um prélio esportivo.

Para efeitos de nosso estudo, não será interessante falarmos do conceito em sua utilização jurídica, então buscamos no referencial teórico do trabalho, centrar nossa atenção no que seria arbitragem esportiva. Procuramos personalidades da arbitragem esportiva para verificarmos as definições das mesmas para arbitragem e para árbitro, além de tentarmos achar material científico que corrobore essas afirmações.

Sendo o esporte um dos grandes fenômenos sócio-culturais dos tempos modernos, em nosso tempo, movimenta gigantescas quantias em dinheiro com patrocínio, salários, marketing e empregos. Dentro do universo de uma competição esportiva, temos os atletas que são os principais responsáveis pela mesma, mas não únicos. Existem também treinadores, espectadores, patrocinadores, dirigentes e por último, mas não menos importantes **árbitros**.

Nesse contexto, temos os jogadores recebendo milhões em salários, os patrocinadores despejando imensas quantias em dinheiro nos clubes e atletas e o árbitro, que parece ser o mais amador em todo esse meio, porém é cobrado como se fosse o mais profissional possível. Na Inglaterra já temos árbitros profissionais de futebol e no Brasil estamos caminhando para que isto aconteça nos próximos anos, inclusive com o Projeto de Lei 6405/2002 que está tramitando no congresso.

Segundo De Rose Junior e colaboradores (2002), os oficiais de arbitragem (árbitros e mesários) são parte integrante do esporte, compondo juntamente com os atletas o processo

competitivo que, exige de seus participantes uma dedicação intensa (e quase exclusiva) para obtenção de melhores níveis de desempenho, possibilitando alcançar objetivos que são os resultados, traduzidos em vitórias pessoais ou coletivas. Portanto, os oficiais de arbitragem devem estar cientes de que se encontram envolvidos com o trabalho realizado pelos clubes e comissões técnicas, já que é possível dizer que são eles os responsáveis pela confirmação dos resultados, podendo até interferir nos mesmos ao cometerem erros. Por esse motivo, é muito importante que o oficial se encontre preparado adequadamente e esteja ciente da importância de uma boa atuação durante as partidas.

Simon (2004) aponta que o árbitro de futebol surgiu, porque antigamente as partidas eram “arbitradas” pelos capitães de cada equipe que censuravam seus jogadores e denunciavam qualquer irregularidade cometida por sua equipe. Mas como os jogos começaram a valer prêmios e as vitórias passaram a ser mais importantes, a figura de um mediador começou a ser pensada. Ele seria uma pessoa considerada íntegra, respeitável e que não estivesse ligada a time algum. No começo cada equipe indicava um juiz, mas em 1871, ficou estabelecido que a partida ficaria a cargo de uma pessoa com competência para isso e sem vínculo com as equipes.

Tôndolo e Sedrez (2008) colocam que arbitragem é uma profissão de alto conflito. Na arbitragem, devemos tomar decisões imediatas, temos pressão externa constante e não podemos errar. Falam que o árbitro além de exercer uma função social, executa também uma tarefa social que exige qualidades profissionais. É necessária uma verdadeira personalidade para dirigir um jogo que, além de todo o desenvolvimento técnico e tático, ainda pode ser enriquecido com atos anti-desportivos, chegando, algumas vezes, à violência em alta escala.

Para Lima (1998) citando Barata-Moura (1991), o juiz é um mediador, e como tal é um elemento integrante do jogo – submetido a regras e dependente de uma avaliação decisiva, autorizada e criteriosa.

Arbitrar desportivamente não é assistir de modo passivo, nem sancionar de maneira mecânica, é interpretar – de modo humanamente falível, mas igualmente de modo humanamente fundamentado, a verdade de um jogo que, embora sujeito a regras universais pré-estabelecidas, a cada passo evidencia a criatividade historicamente irrepetível das circunstâncias, dos agentes, dos desempenhos. (LIMA, apud BARATA-MOURA, 1991)

Para Tôndolo e Sedrez (2008), a tarefa principal dos árbitros não é apitar faltas, dar punições, etc.; e sim proteger os jogadores. Dizem ainda que os árbitros devem manter o

controle de cada encontro, respeitando o espírito do jogo. Falam também que os árbitros tem que saber conversar com os atletas e dirigentes, não bastando ter ótima forma física, boa aparência e imporem-se a força: “Autoridade não é autoritarismo”.

Segundo o livro de regras de futebol do ano 2008-2009, uma partida será dirigida por um árbitro, que terá autoridade total para fazer cumprir as Regras do Jogo em relação àquela partida. Cita, como alguns dos seus poderes e deveres: fará cumprir as regras do jogo; controlará a partida em cooperação com os árbitros assistentes; tomará medidas disciplinares contra jogadores que cometerem infrações puníveis com advertência ou expulsão; paralisará, suspenderá ou encerrará a partida por qualquer tipo de influência externa, entre outros.

O manual de regras oficiais de handebol dos anos 2006-2009, diz que dois árbitros com igual autoridade devem ser encarregados de cada jogo. Eles monitoram a conduta dos jogadores e dos oficiais de equipe do momento em que eles entram nas imediações da quadra até que eles saiam. Diz ainda que é de responsabilidade dos árbitros que o jogo seja jogado de acordo com as regras e eles devem penalizar qualquer infração.

Na literatura há uma grande dificuldade em achar artigos ou textos que conceituem o que é a arbitragem esportiva. As autoras Garcia e Díaz (2004), tentam fazer uma aproximação de arbitragem esportiva.

Segundo Garcia e Díaz (2004), a arbitragem se trata de uma atividade que tem por forma específica a participação de árbitros, juízes, cronometristas e apontadores que entre suas funções realizam ações tais como organizar, qualificar, votar, anotar e medir durante a competição aplicando estatutos, códigos, regras determinadas.

Ainda segundo Garcia e Díaz (2004), arbitrar é a ação realizada pelos árbitros encarregados de fazer respeitar o regulamento e tomar decisões entre os esportistas nos esportes com oposição, em correspondência ao permitido pelo regulamento; uma vez que julgar é a ação realizada pelos juízes expressando um juízo de valor.

As autoras propõem ainda uma classificação dos esportes relativa à arbitragem, como explicaremos a seguir.

3.2 Classificação de Esporte relacionada à Arbitragem

Como foi comentado no capítulo 1, existem vários tipos de classificações de esporte,

porém, até 2004, não foram achados relatos de alguma que fizesse relação com a arbitragem.

Garcia e Díaz (2004), em artigo que escrevem sobre uma teorização acerca da arbitragem tentam classificar os esportes olímpicos com base em sua estrutura e relacioná-los com as diferentes funções de julgar ou arbitrar. Com isso, classificaram o esporte em três principais grupos, que são:

1) Esportes de qualificação e votação – neste grupo se incluem os esportes em que o juízo implica em duas coisas: decidir; se um movimento, uma posição, um instrumento ou uma situação competitiva; está permitida pelo regulamento e classificar a execução do esportista para dotá-lo de uma classificação. A função dos árbitros é zelar pelo cumprimento das regras e arbitrar entre as opiniões discrepantes dos juízes, predominando julgar sobre arbitrar.

2) Esportes de anotação – esses são esportes em que aparecem os vencedores por decisões sobre o número de tentos, gols, cestas, pontos, onde está implícita a ação de julgar, porém a função principal está em julgar quem tem razão assim como decidir sua penalização, mediante a apreciação das ações que dão valor efetivo ou não as anotações, predominando a ação de arbitrar sobre julgar.

3) Esportes de medição – Neste grupo estão os esportes no qual o sistema de arbitragem consiste na medição de unidades de tempo, espaço e peso. A função dos juízes e árbitros é mais simples, pois podem utilizar-se de instrumentos para os auxiliarem no seu trabalho.

Nesta classificação, os esportes coletivos com bola entrariam como esportes de anotação. Inclui-se aí o basquete, pois os vencedores são definidos pelo número de cestas convertidas e conseqüentemente a tarefa dos árbitros seria a de julgar quem tem razão e também suas penalizações, predominando a tarefa de arbitrar sobre julgar.

3.3 A difícil tarefa de Arbitrar Basquete

Como já foi dito, as regras do basquete estão em constante alteração fazendo com que os árbitros estejam sempre buscando estudar as regras e diferentes interpretações das mesmas, como podemos ver em entrevista de Amorós um grande árbitro espanhol que pertence ao quadro da FIBA, para a revista FEB digital, em que diz: “desde o ano de 1983, ano em que

comecei a apitar, a arbitragem evoluiu tal como o próprio jogo. Tenho um exemplo pra ilustrar isso. A definição de falta pessoal como eu aprendi, há 26 anos, não mudou em todo esse tempo. O que sim mudou foi a aplicação e a interpretação que nós, árbitros, temos tido deste conceito com o passar do tempo e a evolução do jogo”.

Becker Junior. Apud De Rose Junior e col. (Situações específicas de jogo causadoras de “stress” em oficiais de basquetebol. 2002, p161) aponta que nas modalidades esportivas coletivas o árbitro deve apreciar, compreender, interpretar e sancionar lances de alta velocidade com vários obstáculos à sua percepção e uma série de fatores contribui para que os mediadores não apresentem uma uniformidade de conduta frente a lances idênticos.

De Rose Junior (2002) fala que a participação dos oficiais de arbitragem em uma partida de basquete é tão ou mais intensa que a dos próprios atletas em função das características desta modalidade esportiva, que exige uma atenção constante e acompanhamento próximo das jogadas realizadas pelas equipes.

Devido às características próprias da modalidade que dispõe de quadra relativamente reduzida (28x15mts), onde dez jogadores disputam cada espaço em circunstâncias muitas vezes definitivas (excessivos contatos), temos uma pressão permanentemente sobre os árbitros, seja dos respectivos técnicos e jogadores, seja dos dirigentes, seja da torcida em geral, como consequência de tudo, temos uma arbitragem com nível muito alto de exigência e dificuldade.

Segundo o livro de regras oficiais de basketball e manual dos árbitros, de 2004, a equipe de arbitragem é composta por oficiais e oficiais de mesa. Os oficiais são: “o árbitro e um ou dois fiscais. Eles serão auxiliados pelos oficiais de mesa” (Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros, 2004, p. 41). Os oficiais de mesa serão: “o apontador, o assistente de apontador, o cronometrista e o operador de vinte e quatro segundos” (Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros, 2004, p. 41).

Todos os itens abaixo descritos são regulamentados pelo livro de “Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros 2004”.

O Árbitro

O árbitro deverá inspecionar e aprovar todo o equipamento a ser usado na partida, designar o cronômetro de jogo, o dispositivo de vinte e quatro segundos, identificar os oficiais de mesa, não permitir que qualquer atleta use objetos que possam causar lesões a outros jogadores, administrar bola ao alto no início do primeiro período e reposição inicial em todos

os outros períodos, examinar, aprovar e assinar, a súmula de jogo, após o término da partida. Será de poder do árbitro parar a partida quando julgar necessário, determinar que uma equipe perca o jogo por desistência, e tomar decisões em qualquer ponto não especificadamente coberto pelas regras.

Os Oficiais

Os oficiais tem o poder para tomar decisões em infrações das regras cometidas tanto dentro quanto fora das linhas limítrofes. Cada oficial tem o poder para tomar decisões dentro dos limites de sua responsabilidade, mas não tem autoridade para desprezar ou questionar as decisões tomadas por outro oficial. Os oficiais têm o poder para soar seus apitos quando uma infração das regras ocorrer, um período terminar ou acharem necessária a interrupção da partida.

Se um oficial se machucar ou por qualquer razão não poder continuar com seus deveres dentro de cinco minutos do incidente, o outro oficial conduzirá sozinho a partida, a menos que haja a possibilidade de fazer uma substituição do oficial lesionado.

4 FORMAÇÃO

Nesta etapa do trabalho, buscaremos explicar o que se entende por formação de árbitros. O que especialistas acham que seria correto para formar um árbitro de sucesso, quais os meios que levariam esse árbitro a uma carreira grandiosa no mundo da arbitragem.

Como referência para esse capítulo, falaremos sobre a Espanha, por ser um país onde há um grupo que estuda a arbitragem, com o apoio direto do presidente da Federação Espanhola de Basquete, que sempre teve uma preocupação muito grande com a arbitragem. Em março de 2006, conseguiram implantar uma revista, que é distribuída para todos pela internet, a qual se propõe a ser o primeiro instrumento de um “clube de árbitros” da Espanha, cujo objetivo é fazer conhecer as regras do jogo, além de ser um importante referencial para a formação à distância e divulgação da arbitragem.

Outra importante referência é o também espanhol, Miguel Angel Betancour, que defendeu em sua tese de doutoramento a temática sobre formação de árbitros de basquete (tese que ainda não está disponibilizada para o público), e que, através desse centro de formação de árbitros nas Ilhas Gran Canarias, chamado Centro de Formação de Arbitragem Alfredo Volpini, que fica dentro da Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, estuda sobre o desenvolvimento e aperfeiçoamento da arbitragem internacional. Betancour é o atual coordenador de arbitragem da FIBA Europa, ocupando um dos cargos mais valorizados na arbitragem mundial. Além disso, é criador de vários projetos, entre eles a súmula eletrônica, que disponibiliza ao final do jogo um DVD para que o árbitro possa analisar sua arbitragem junto aos seus companheiros, conseguindo assim avaliar sua atuação na partida.

Betancour (1999), afirma que a formação de árbitros tradicionalmente se dá através de pessoas que, sem estarem ligadas a Comitês ou Federações, de maneira altruísta e vocacional, tentam melhorar o nível técnico desses, introduzindo em seus ensinamentos diversos materiais que contribuem para o seu aperfeiçoamento. Fala também que o diploma de árbitro se dá através de cada Federação ou Escola de Árbitros e é obtido, muitas vezes, através de um curso com um breve intervalo de tempo (10 a 40 horas) dirigido por um árbitro, que cumpre a função de Diretor Técnico, e inclui matérias relacionadas às regras do jogo e a mecânica de arbitragem, podendo ainda em alguns cursos serem abordados outros assuntos, tais como a preparação física do árbitro e o histórico do esporte. Em consequência disso o conhecimento

obtido se torna superficial devido à brevidade dos cursos e a necessidade de contar com árbitros de imediato para as competições, com os conteúdos baseando-se mais na memorização, que na interpretação. Ao final do curso uma prova teórica dirá quem pode receber o diploma e se tornar um árbitro, mesmo que o postulante muitas vezes não esteja apto para isso.

Um motivo para isso é que o nicho da Federação relacionado à arbitragem mostra-se, a maioria das vezes, muito passivo, manifestando seu caráter administrativo e burocrático (confeção de escalas) em detrimento a sua funcionalidade formativa (baseada em sessões sobre comentários das regras do jogo, situações de mecânica de arbitragem, análise de vídeos). Ante a necessidade de contar com árbitros que levem adiante o grande número de jogos de cada federação, estes organismos desenvolvem de forma interessada campanhas de captação de árbitros, baseadas fundamentalmente em uma recompensa econômica por partida apitada, ou, raras vezes, na promoção da arbitragem para um melhor conhecimento do basquete, como a realizada no Centro de Formação Alfredo Volpini de árbitros das Ilhas Gran Canarias, cujo lema é “conhece o basquete arbitrando” (BETANCOUR, 1999).

Betancour (1999), considera ainda que esta atividade é a via fundamental para a promoção da arbitragem já que supõe uma forma de captação que tem implícita uma nova filosofia formativa. Neste Centro a arbitragem é entendida como uma ferramenta educativa para o conhecimento técnico do basquete e como um meio para a formação integral do indivíduo. Considera que a instituição arbitral deveria ter como foco a reflexão, o debate, a promoção e o estudo da prática de arbitragem através de atividades que promovam seu avanço e prestígio sócio-desportivo (acampamentos, clínicas, etc.). Ante esse panorama e com fim de elaborar um currículo de formação válido para o coletivo arbitral, cabe fazer, num primeiro momento, as seguintes perguntas: que modelo de escola ou centro de formação se quer e que tipo de ensinamento e de árbitro se aceita como válido?

4.1 Ideias sobre como deveria ser a captação e formação de novos árbitros

Neste sentido, escolhemos como um de nossos embasamentos importantes a revista FEB Digital, que em sua terceira edição fala sobre como as diferentes “federaciones autonómicas” (que são uma espécie de Federação de cada uma das regiões da Espanha) atuam

para que haja captação de árbitros e também como formam os árbitros no país.

Alguns dos pontos de maior incidência na fala dos presidentes das Federações Autônomas para a captação de novos árbitros são: a elaboração de cartazes para divulgação dos cursos de formação, a ajuda da imprensa para o informe dos cursos, a internet como meio de contato dos interessados em se tornarem árbitros de basquete, o “boca a boca” para que muitas pessoas tomem conhecimento da realização desses cursos, a visita de árbitros em escolas e universidades falando sobre o mundo da arbitragem e as recompensas de tornarem-se árbitros de basquete, além da tentativa de captação de ex-atletas que estejam encerrando sua carreira como atleta desta modalidade.

Já na parte que se refere à formação, existem muitas Federações que se dividem em grupos de acordo com a experiência dos árbitros e as competições que arbitram, existem alguns cursos de formação que são de 30 horas aula (outros tem um pouco mais, chegando a alguns que se realizam em duas semanas de aulas) com uma parte teórica e uma parte prática, muitos fazem uma clínica pré-temporada para definição de critérios a serem adotados pelos árbitros, alguns tem reuniões periódicas que variam de três em três meses até uma vez por semana, alguns tem análise de DVDs com jogos arbitrados pelos membros de seus comitês, o acompanhamento dos iniciantes é feito na maioria das vezes por árbitros mais experientes que estão com esses iniciantes nos jogos, uma Federação exige que os clubes participantes de seu campeonato grave todos os jogos, outra Federação disponibiliza o treinamento de um clube filiado a ela para que árbitros possam treinar sua arbitragem nesses treinamentos, muitas enviam provas teóricas através de email para que seus membros respondam e após isso haja uma discussão, algumas se utilizam de acampamentos de mini-basquete para dar experiência a seus árbitros mais jovens, uma está desenvolvendo uma “aula web” que será utilizada para que existam aulas não presenciais nos cursos de formação, outra divide seus membros em grupos e dá a tarefa de que eles pesquisem sobre determinados assuntos para depois exporem esse assunto para os seus colegas e muitas tem disponibilizado os DVDs da FEB e da FIBA Europa para os seus árbitros poderem analisar e estudar um pouco mais. (APÊNDICE A)

A noção de formação comporta diversas abordagens e sentidos. No campo da arbitragem esportiva e, mais especificamente do basquete, é de referir que este conceito não se afasta da sua relação com outras palavras, como: ensino, educação, treinamento, etc., mas sim o complementa. Igualmente, a noção de formação engloba e assume o árbitro como pessoa em um ambiente humano, social e esportivo, não o confinando a um aspecto

puramente técnico (primeiro se é pessoa e depois árbitro). Por outro lado, essa noção de formação comporta uma série de variáveis que afetam o árbitro enquanto pessoa: seu interesse por formar-se, sua capacidade para formar-se, seu desejo de formação e o grau de comunicação com os companheiros na transmissão de experiências e conhecimentos que facilitem o aperfeiçoamento da arbitragem individual e coletivamente (BETANCOUR, 1999).

Apitar, que é algo que qualquer um faz em uma atividade ou momento esportivo não é o mesmo que arbitrar, ser um árbitro. Arbitrar supõe tratar com outras pessoas (jogadores, treinadores, diretores, público, imprensa, outros árbitros, etc.) para conseguir a melhor eficácia e eficiência arbitral possível (BETANCOUR, 1999).

A ação arbitral como profissão requer que as pessoas que a executem tenham uma preparação adequada da ciência, técnica e arte da mesma, quer dizer, que possuam capacidade profissional. Essa dita profissionalidade deve circunscrever-se a sua formação inicial e permanente, com a atualização em diversas áreas do currículo e através de uma estreita relação com a prática de arbitragem (BETANCOUR, 1999).

Trata-se de uma formação na qual se deve combinar o conhecimento técnico (regulamento, regras, direitos e deveres, conhecimento do jogo, sinalização e mecânica de arbitragem, etc.) com o como desenvolver na prática os mesmos (comunicação arbitral, interpretação do jogo, linguagem não verbal, linguagem verbal, etc.). É uma formação baseada no QUÊ conhecer e em COMO fazê-lo. A formação do árbitro representa um dos elementos fundamentais através dos quais o currículo da arbitragem (o que ensinar, para quem, como, quando, como avaliar) deverá intervir e contribuir para a melhora da qualidade da formação arbitral, proporcionando um projeto curricular ajustado as necessidades (BETANCOUR, 1999).

Os planos de formação deveriam ser estudados no âmbito acadêmico, com objetivo de realizar propostas de formação, tanto teóricas como práticas, didáticas e organizacionais, que sejam de utilidade para a melhor resposta formativa, que facilitem a tomada de decisões arbitrais frente ao atual isolamento e fragmentação apresentadas pela maioria das disciplinas desportivas em seus contextos de arbitragem.

Faz-se imediata a necessidade de introduzir nos currículos de Educação Física uma matéria de estudo que analise o conjunto de elementos que interferem ou afetam a “arbitragem esportiva”, a fim de que tal matéria se constitua num marco na formação psicopedagógica desses profissionais. Um profissional da Educação Física, bem formado no

âmbito da arbitragem, será capaz de transmitir aos grupos de sujeitos com os quais atua o conjunto de conhecimentos suficientes para gerar nos mesmos atitudes positivas relativas ao árbitro, o qual repercutiria em uma concepção compreensiva da arbitragem e do árbitro como um esportista.

Na atualidade, o árbitro vive em um mundo de pressão por parte dos jogadores, treinadores e espectadores, onde as reações negativas entre os participantes são também uma parte esperada do jogo. Elas são evidentes em todas as esferas do esporte. Ao utilizarmos uma alternativa educativa principiada nas escolas, acreditamos em uma redução da imagem negativa dos árbitros.

A formação arbitral necessita elaborar uma estrutura que seja clara e oriente a sua melhora, propostas políticas concretas e, pesquisar e fornecer informações que facilitem e aperfeiçoem o quadro de arbitragem. A formação do árbitro de basquete requer um estudo próprio (passos formativos, preparação, profissionalização e socialização dos árbitros). Supõe realmente um objeto de estudo específico da formação do árbitro que se caracteriza de forma diferenciada frente a outros âmbitos do esporte. Ademais, a formação do árbitro contempla diversos meios, métodos e modelos arbitrais cuja finalidade será a análise dos processos que lhe permitam aprender a arbitrar (BETANCOUR, 1999).

Pelo que se tem visto em países mais adiantados esportivamente falando, existe uma presença da comunidade científica universitária desenvolvendo seu trabalho investigativo na área específica da arbitragem mediante determinados programas e projetos de investigação. Neste campo, o Centro de Estudos de Arbitragem Esportiva da Universidade Las Palmas de Gran Canaria é um marco na aproximação da arbitragem com a ciência, ofertando a possibilidade de instruir e educar os responsáveis dos regulamentos dos esportes em suas diferentes manifestações esportivas.

O Centro de Formação de Arbitragem “Alfredo Volpini” das Ilhas Gran Canarias, utiliza um método onde podem participar como membros do Centro todos os jogadores em atividade que queiram, não só apitar competições na iniciação, mas também com a finalidade de conhecer o basquete com uma perspectiva relacionada à arbitragem, proporcionando a eles uma formação mais ampla na qual se comprova que os futuros árbitros desenvolvem uma melhor compreensão do basquete para a tomada de decisões. Com este centro de estudos se responde a demanda de aspectos organizacionais dos contextos arbitrais, dos aspectos curriculares, dos aspectos metodológicos da aprendizagem e da intervenção da arbitragem.

Neste sentido, há que se chamar a atenção dos dirigentes esportivos e políticos em geral sobre a formação do árbitro como peça chave do desenvolvimento do jogo e do esporte desde uma ótica técnica e humana. Igualmente as leis deveriam forçar a obrigatoriedade de cursar algum período formativo que em certa medida garantissem a qualidade do árbitro, a tomada de decisões responsáveis e uma ética profissional que respaldasse suas diversas decisões. Deveria ser um direito e um dever de todo árbitro receber uma formação inicial que lhe qualifique e uma formação permanente que lhe permita o crescimento e conhecimento profissional progressivo (BETANCOUR, 1999).

5 DECISÕES METODOLÓGICAS

Para chegar a ideia final do trabalho, optamos por realizar um estudo preliminar que se caracterizou por entrevistar alguns árbitros, que tiveram sucesso em sua carreira esportiva (chegaram aos mais altos níveis dentro de suas respectivas modalidades). Falamos com ex-árbitros de futebol: Renato Marsiglia (ex-FIFA) e Luis Cunha Martins (membro da Comissão Nacional de Arbitragem); ex-árbitro de vôlei Paulo Barreto; árbitro de handebol: José Rogério Vidal (árbitro das Américas) e, por fim, com árbitros de basquete: Renato Marsiglia (ex FIBA) e Fernando Serpa (FIBA). Nesses encontros abordamos os mais variados assuntos do mundo da arbitragem, desde tecnologia ao auxílio dos árbitros, características para ser um bom árbitro até formação de árbitros.

Todos os árbitros consultados tinham opinião a respeito desses assuntos, porém, qual não foi nossa surpresa quando perguntamos a eles se existia algum material escrito tratando dessas temáticas. Nem mesmo as maiores federações esportivas escaparam da crítica. Todos disseram que existe pouco material devidamente escrito e publicado, e que grande parte dos árbitros não tem acesso aos mesmos, provindo suas experiências essencialmente de suas práticas e de conversas que mantêm com seus colegas árbitros. Superada a surpresa da constatação explicitada por tais personalidades do apito, nos sentimos motivados para realizar nosso estudo sobre o fenômeno arbitragem no basquete e o ambiente sob o qual se realiza.

Para alcançar os objetivos propostos no trabalho, resolvemos realizar uma pesquisa de corte qualitativo, que segundo Minayo (2004), são aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas, tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Denzim e colaboradores (2006), corroboram com Minayo e afirmam que a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Para a coleta de informações inicialmente pensamos em uma entrevista; que segundo Marconi e Lakatos (2009), é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica e que proporciona ao investigador, verbalmente, a informação necessária.

Utilizou-se a entrevista de forma semi-estruturada, o que segundo Negrine (1999), se caracteriza por ser um instrumento de coleta pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa. Quando fazemos esse tipo de entrevista, por um lado, visamos garantir um determinado rol de informações importantes ao estudo e, por outro, dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando maior liberdade para o entrevistado apontar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada temática.

O grupo de estudo foi composto por quatro membros: o ex-árbitro e hoje Coordenador Nacional da Arbitragem da CBB, Marcelo Gomes; o Presidente da Associação Gaúcha dos Oficiais de Basketball – AGOB, José Luis Barbosa; o Vice-Presidente da AGOB, único árbitro gaúcho da edição de 2009/2010 do Novo Basquete Brasil – NBB e hoje o responsável pelas escalas de arbitragem da FGB e com um árbitro advindo de um dos últimos cursos de formação. Esse universo foi por nós escolhido na medida em que representam por um lado os diretores dos cursos de formação e responsáveis pelas políticas de formação de árbitros no estado do Rio Grande do Sul, e por outro lado, um representante dos egressos dos últimos cursos de formação da FGB.

A interpretação dos dados foi realizada a partir do cruzamento dos diferentes autores que compõem o capítulo teórico com as informações resultantes das entrevistas realizadas, baseado em categorias de análise que achamos serem relevantes para as respostas de nossas questões de pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para descrever as falas dos entrevistados, procurou-se categorizá-las dentro de uma lógica relacionada com os pressupostos teóricos desenvolvidos no presente estudo.

Com base nos dados coletados, verificamos que para um árbitro gaúcho de basquete ter uma carreira de sucesso, é necessário ESTUDO e DEDICAÇÃO quase exclusiva a ela, conforme aponta De Rose Junior e col (2002), assim como pode-se observar na falas dos entrevistados:

“Primeira coisa é dedicação. Mostrar interesse, ver jogos... e tu tem que ter talento né? Não adianta tu ter disponibilidade, tu ter tempo, ter dedicação se tu não nasceu praquilo ali. Primeiro lugar tu tem que ter um sangue frio grande...” (Vice-Presidente da AGOB)

“(...) não adianta apresentar o curso... e agora já sei tudo, não adianta mais nada... eu tenho que tentar ver jogos, tenho que tentar ver novas situações, eu tenho que tentar ler aquilo ali, se eu não conseguir entender a gente sempre deixa os telefones de contato.” (Presidente da AGOB)

Outras características relevantes apontadas remetem a GERÊNCIA DA PARTIDA e a ASPECTOS TÉCNICOS E PSICOLÓGICOS envolvidos no jogo de basquete. Por outro lado a PARTE FÍSICA não pode ser deixada de lado, tal qual o relato dos entrevistados:

“Um bom gerente da parti da, um bom gestor, disciplina, aceitação, pontualidade, entender as regras do jogo, saber os conceitos de vantagem e desvantagem, ter um bom relacionamento entre a equipe de arbitragem, saber trabalhar em grupo, saber resolver problemas, esses são os critérios que favorecem a promoção do árbitro. (...) entender da filosofia do esporte, que isso é muito importante, tem que saber como os técnicos pensam, tem que saber como é que eles treinam os atletas, como é que os atletas psicologicamente agem dentro do jogo, as reações do jogo (...)” (Coordenador Nacional de Arbitragem)

“Manter a postura... ser firme na decisão. Porque se tu ficar em dúvida e passar isso pra eles (técnicos, jogadores, torcida e dirigentes), eles vão cair em

cima de ti, né? (Árbitro recém formado)

“Seria as condições técnicas... de coseguir levar aquela partida até o fim... eu tô me referindo a mínimas condições físicas de tu conseguir acompanhar o jogo até o final, condições teóricas, tu tem que ter a teoria e a prática... Pra nós aqui (Rio Grande do Sul)... condições técnicas: que envolve teoria, o mínimo de físico e bastante de prática.”

“Condições físicas. Hoje em dia a Confederação... e a FIBA... quer o árbitro tão preparado quanto os atletas, tá? A condição física hoje é primordial. Pra árbitro nacional, o teste físico é eliminatório... tu pode tirar 10 na prova teórica e se tu não conseguir fazer o teste físico, tu é reprovado.” (Presidente da AGOB)

Salienta-se que o quesito “ACEITAÇÃO” fica claro na fala de Barbosa:

“Esse ser aceito engloba desde... tua apresentação, a maneira como tu te porta, do teu comportamento... a tua vestimenta, se tu tá bem vestido, se tu tá bem barbeado, se tu tá... de banho tomado, tudo isso. Tudo isso é a imagem... nós da arbitragem somos aquelas pessoas que mostramos os erros dos outros e ninguém gosta de ver os seus erros apontados... tens que ter bastante de psicologia, saber a maneira que tu vai levar (o jogo) (...)” (Presidente da AGOB)

Já relacionado à parte dos cursos de formação, no que tange os aspectos da organização curricular, são abordados os seguintes TEMAS: história do basquete, regras, súmula, mecânica de arbitragem, filosofia de jogo, parte física, parte psicológica, corroborando com Betancour (1999), como relatado em:

“De conteúdo ele (Barbosa) passou, desde as regras mais antigas... foi fazendo desde o histórico, desde a criação do basquete até a atualidade. E isso aí ele passou vídeos de jogos, jogos atuais, analisamos vídeos... situações de jogo para demonstrar o que é uma caminhada, o que é uma falta, duplo dribble. (...) nós tivemos uma ida a quadra, pessoal fazendo sombra com a gente.” (Luz)

“Entra as regras em si, né? Específicas, dentro do geral, que é o que tu tem que fazer. A parte física que

tu trabalha... físico, psicológico de um árbitro, mecânica de arbitragem, tudo que envolve o jogo em si, na parte da arbitragem. (...) a parte prática que nós colocamos são exercícios de mecânica.” (Serpa)

“É trabalhado a parte sobre regras, que é a parte teórica. Aí se trabalha a filosofia, a parte física, se trabalha muito a interpretação, onde se fala muito em gestão, gestão da partida. O árbitro tem que ser um gerenciador dentro do jogo, isso é uma coisa muito forte que a gente fala. E a última parte que a gente incorporou... é a interpretação da vantagem e desvantagem, o conceito de vantagem e desvantagem, esse é o conteúdo.”

“A gente bota exercícios de mecânica, exercícios de jogo, fala sobre filosofia, fala sobre a parte física, teoria. E não é uma teoria de repetição, é uma teoria comentada.” (Gomes)

“Primeiro tem uma apresentação de história do basquete... a história do basquete no Brasil, uma parte sobre súmula, as nossas padronizações... depois tem um resumo do livro de regras... geralmente no curso é distribuído um livro de regras pra cada um... antes, era bem aquele estilo: tua lia, lia, lia o livro de regras... agora, começamos a trabalhar com lâminas, a trabalhar com computadores, com filmes, com power point, começamos a levar os alunos pra quadra... tu consegue ser bem pontual em algumas coisas... mais difíceis é o conceito de caminhada, as violações e faltas, onde a gente se apega mais. (...) caminhada, duplo dribble, isso aí tem que explicar bastante, tem que demonstrar muito como é que é. Então a gente demonstra através de vídeos, demonstra na prática com eles, mostra ali... com a bola a gente faz as situações.” (Barbosa)

Em termos de PERIODICIDADE, verificaram-se divergências entre os mentores dos cursos:

“Não, não tem nada (quando perguntado sobre se haveria a necessidade de realização de um curso de formação anual).” (Barbosa)

“(...) o período ficou de semestre. Um no início do ano e outro no início do segundo semestre.” (Gomes)

“A princípio a gente procura fazer um por ano. Nesses últimos anos eu creio que tenha conseguido manter. No ano passado até que tiveram dois.”
(Serpa)

Em contrapartida há convergência em relação à CARGA HORÁRIA dos cursos formativos, tanto pelos entrevistados quanto pela análise teórica de Betancour (1999):

“(...) a gente tem colocado sempre pelo menos 40 horas. É o mínimo que a gente quer colocar por que é o que vale para certificado. (...) tu até aceita curso de 20 horas, mas os que valem mesmo, pra... pra... são os de 40.” (Serpa)

“Foram dois finais de semana. Deu 40 horas. Que entrou agora essa nova lei, que qualquer curso para ser aprovado tem que ter 40 horas.” (Luz, falando sobre o curso do qual participou)

“Entre 20 e 40 horas. (...) um curso de 20 horas, geralmente, é praquelas pessoas que já tem uma noção de basquete.” (Barbosa)

“(...) nós temos um curso de 40 horas. (...) mas tu precisaria mais horas. Só que tem um agravante: para que o candidato investisse em um corpo docente que tivesse estrutura, que tivesse que frequentar a aula em períodos longos,... tu ia ter uma demanda no meio do caminho por vários fatores. Primeiro fator: dinheiro, a maioria dos candidatos são acadêmicos... segundo: as taxas (de arbitragem) não são tão atrativas.” (Gomes)

Relacionado aos últimos cursos de formação realizados, temos os seguintes depoimentos:

“O último curso que saiu foi em Passo Fundo, foi no ano passado (2008), foi pela faculdade de Passo Fundo, pela UPF. Tinha quase 40 alunos... foi um curso de 36 horas. Todos eles alunos da faculdade de Educação Física. Teve um em Caxias do Sul no primeiro semestre (2009)... a gente tá procurando fazer os cursos com o aval das faculdades. (...) Lá em Passo Fundo foi eu e o Fernando (Serpa), esse de Caxias também foi eu e o Fernando (responsáveis). Foi um curso de 36 horas também (Caxias). (...) A Dani (Costa) deu o outro curso,

agora que eu to lembrando, os três últimos cursos foram: Caxias, Passo Fundo e São Leopoldo. São Leopoldo teve um curso que ministrou foi a Dani, eu também ministrei, mas a maior parte do curso quem ministrou foi ela. E teve o apoio da prefeitura de São Leopoldo.” (Barbosa)

“Teve em Caxias, que eu e o Barbosa demos e... nós demos no Lindóia ano retrasado (2008), ano passado (2009) em Caxias e antes nós demos um em Passo Fundo. (...) Esse de Passo Fundo a gente fez na faculdade... o professor da faculdade entrou em contato com a Federação, solicitando um curso e aí a gente montou esse curso, visando o que ele pretendia lá. (...) então fui eu, o Sandro (Bengochea) e o Barbosa.”

“O de formação, no caso, a gente determina quando tem, esse do Lindóia que teve, (...) aquele ano (2009) teve dois, depois a Daniela organizou um em São Leopoldo.” (Serpa)

“Foi aqui em São Leopoldo, vai fechar dois anos agora, que eu fiz. Inclusive foi no ginásio municipal, cedido pelo diretor de esportes, que era meu professor na FEEVALE. Ele achou interessante abrir para a área de Educação Física (...). Quem deu o curso foi a Lu na questão de súmula, 90 por cento quem ministrou foi o Barbosa... veio a Dani falar, veio o Marcão falar.”

“Não teve arbitragem de trio, a arbitragem de trio nós tivemos na primeira reciclagem, que foi lá no Lindóia.” (Luz)

Neste aspecto observou-se que enquanto para Serpa o curso ministrado no Lindóia, em 2009, é considerado de formação, Barbosa não o elenca entre os últimos cursos realizados. Entretanto na entrevista de Gomes, ficou claro que o objetivo inicial do curso realizado no Lindóia era de formação, mas devido a contratempos optou-se por realizar uma reciclagem com os árbitros em atividade na Federação.

“É que o que que aconteceu... se não me engano era o IPA que ia fazer uma parceria e deu pra trás na última hora, então aí não deu tempo de tu abrir pra inscrição. Então a gente fez uma reciclagem.” (Gomes)

Quando questionados sobre quem são os responsáveis pela formação de novos árbitros

em nosso estado, houve discrepância entre os relatos de Barbosa e Serpa:

“São essas três pessoas... eu, o Marcelo (Gomes) e o Fernando (Serpa). Nós três que fizemos aqui do Rio Grande do Sul.” (Barbosa)

“É, hoje essa parte, na Federação, a gente meio que tá fazendo, é eu e o Barbosa... O Gomes é o responsável pelos cursos da Confederação.” (Serpa)

Essa discrepância deve-se ao fato de a entrevista do Barbosa ter ocorrido em 2009, quando Gomes ainda não havia sido indicado ao cargo de Coordenador Nacional da Arbitragem, e a entrevista do Serpa ter ocorrido em 2010, após posse de Gomes.

Ao questionar os entrevistados sobre a progressão da carreira de árbitro no Rio Grande do Sul, obtivemos respostas relacionadas a: PLANO DE CARREIRA, AVALIAÇÃO para progressão e uma RELAÇÃO entre o plano de carreira e as categorias possíveis de serem arbitradas.

Colocaremos primeiramente como AVALIAM os postulantes que fazem os cursos de formação e posteriormente tornam-se árbitros de basquete, quesito esse em que há discordância de opiniões entre a necessidade de haver um número mínimo de jogos ou certo período de tempo para efetuar a troca de categoria.

“(...) o pessoal que sai do curso e quiser fazer parte da Federação, primeiro tem que tirar nota mínima 7,0 (na prova teórica), e aí eles tem que cumprir um determinado número de jogos pela Federação como estagiários.. Serão avaliados nesses jogos pra saber se terão ou não condições de trabalhar na Federação.”

“(...) número de jogos e desempenho (...) (falando sobre o que é necessário para ter progressão nos níveis).” (Serpa)

“(...) bom, ele faz o curso é aprovado se atingir a média 7,0 (falando sobre os alunos do curso de formação)... não, o físico a gente não faz (falando sobre a obrigatoriedade do teste físico para aprovação no curso)... a gente faz uma apresentação do teste físico, porque pra fazer o teste físico tem que ter um exame médico, que o teste é bastante puxado.”

“(...) fica um ano na categoria... lógico que tu tem que fazer... que tu tem que trabalhar em jogos... não interessa o número de jogos... depois de um ano se

tu tiver um bom aproveitamento nos jogos, tu vai tá capacita a fazer uma clínica de reavaliação... onde tu vai ser avaliado e vai postular a mudança de categoria...”

“(...) a gente colhe informações a respeito do desenvolvimento dessa pessoa na quadra. Isso sempre é chegado, ou a mim, ou ao Fernando, ou ao Marcelo, ou a própria Federação... a gente de alguma maneira procura se informar com quem trabalhou com aquela pessoa (...)” (Barbosa)

“Faz o curso e começa a estagiar, aí vai sendo avaliado durante os jogos, vai entrando em categorias de base, daí faz mesa, vai ganhando confiança, vai se destacando”

“Tem tempo, tem critério, tem número de jogos, eu não me lembro tudo de cabeça, teria que pegar o estatuto de formação”

“Tem critérios de avaliação. O tempo não interfere, interfere o número de jogos.”

“A condição a gente acaba sabendo mesmo em casa. Porque tu vai vendo pelos jogos, pelas súmulas, pelos relatos dos delegados, vai acompanhando um jogo ou outro que dá em Porto Alegre, isso aí é fácil de tu fazer a avaliação do crescimento da pessoa, o nível de aceitação, o 'feedback' dos técnicos, dos dirigentes, isso tudo é um critério de avaliação.” (Gomes)

No quesito PLANO DE CARREIRA, que em nosso estudo apresenta-se como as diversas etapas de progressão na trajetória de um árbitro, todos afirmaram que a Federação Gaúcha de Basketball organiza-se desta forma: estagiário, terceira categoria, segunda categoria, primeira categoria, nacional e internacional. Todavia, quando consultamos o Regulamento dos Oficiais de Quadra e Mesa da FGB (Capítulo II, Artigo 3º), encontramos a seguinte divisão em categorias: estagiário, novato, aspirante, regional (primeira, segunda e terceira), nacional e internacional.

Quando solicitados a RELACIONAR quais categorias de jogos correspondem ao nível de capacitação do árbitro, não há convergência entre as posições.

“O estagiário vai ali e apita os escolares, terceira e segunda categoria até o juvenil, depende dos jogos do campeonato juvenil... pra adulto, já entra os árbitros de primeira categoria, árbitros nacional e internacional” (Serpa)

“Estagiário: mini, mirim e jogos escolares... terceira categoria tu vai trabalhar em jogos de categoria infantil... na segunda categoria tu já tem condições tranquilamente de apitar jogos de categoria infanto, jogos de categoria cadete... conforme for o teu desenvolvimento nessa segunda categoria, se tu tiver um bom aproveitamento, tu vai trabalhar em jogos da categoria juvenil... em quatro anos tu já tá trabalhando em jogos de adulto e pode tranquilamente fazer teste pra nacional.” (Barbosa)

“Às vezes se tu vê que a pessoa tem um talento muito grande e ela tem segurança pra ser testada, ele já pode pulando de categoria. Do mini pro infantil, ou opa, recua um pouquinho, ou ó, vai que ele tá indo, indo, indo. Às vezes tem gente que decola. Já vai até pra juvenil.” (Gomes)

O árbitro recém formado, respondendo sobre as informações transmitidas a ele durante o curso de formação, a respeito da progressão na carreira de árbitro de basquete, indicou o seguinte:

“Não, não especificaram nada... a única coisa que eles falaram no curso, que a gente começava como estagiário, tinha um tempo de 6 meses a um ano, que logo depois a gente passaria para árbitro de terceira e a partir daí acho que não falaram mais nada.”

“Pelo menos pra mim não falaram nada. Pra mim foi assim, tu já tá no meio, te envolve com o pessoal e vai perguntando.”

“Acho que isso é o que faz a maioria do pessoal desistir... a falta de informação... como a gente subia de estagiário pra terceira, de terceira pra segunda, isso eles não passam.”

“Até hoje, às vezes, eu vou pro jogo e não sei quanto é que eu vou receber.”

“(...) foi passado que nós faríamos uma carga horária em mesa pra ter convivência na quadra... se não me engano eram vinte e poucas horas... ou 16 jogos. Na prática isso não foi feito.” (Luz)

No item formação continuada, foram citadas as REUNIÕES MENSAS e as CLÍNICAS DE ATUALIZAÇÃO/RECICLAGEM.

Os entrevistados foram unânimes em subdividir a REUNIÃO em três blocos: pagamento, parte técnica e assuntos gerais, como vemos no relato de Barbosa:

“As reuniões funcionam uma vez por mês... uma das coisas que a gente usa, não vou dizer atrativo, para que participem das reuniões é o pagamento... essas reuniões funcionam da seguinte maneira: primeiramente é feito o pagamento e depois a gente começa a tratar sobre assuntos técnicos, a gente coloca situações de jogo, discute situações que ocorreram naquele período de mês... depois dessa parte... a gente coloca assuntos gerais. Aí voltamos a falar também daqueles assuntos de jogos que a gente viu na televisão, de situações que ocorreram em campeonatos nacionais... ou se tem alguma dúvida, também chega lá em apresenta (...)”

As CLÍNICAS DE ATUALIZAÇÃO/RECICLAGEM são realizadas pelo menos uma vez por ano, antes do início dos campeonatos, abordando normalmente assuntos específicos, conforme aponta Barbosa:

“Clínicas de atualização a gente tava fazendo já vem a uns dois anos. Acho que fazia duas clínicas de atualização... a gente tava aproveitando os campeonatos estudantis que tavam sendo realizados lá no Lindóia (Lindóia Tênis Clube)... a gente pontua alguns assuntos específicos e trabalha bastante a parte de mecânica de arbitragem. E pontua alguns assuntos, como de repente, falta, contato pessoal, como é que é feito... essa última (2009) nós trabalhamos mecânica de três.”

Ao tratarmos do tema escalas, durante a pesquisa, com o afastamento do diretor de árbitros, houve uma reformulação no processo de confecção de escalas, deixando de ser tarefa da secretária da Federação, com o aval do diretor de árbitros, para ser formulada por uma comissão nomeada pelo atual Presidente da Federação, conforme os relatos:

“Até o ano passado (2009) tava sendo feita pela Federação. Era a Dani (secretária da FGB) que fazia as escalas, no final do ano entrou o Bruno como Diretor Técnico e Diretor de Árbitros, a parte do adulto ele que fez... hoje em dia, esse ano, com o afastamento do Diretor Técnico, e conseqüentemente, com o afastamento do Diretor de Árbitros, o Gilson (Presidente da FGB) convidou a gente, eu e o Barbosa, a formar uma comissão e

tirar da Federação esse ônus, essa carga das meninas que faziam a escala.” (Serpa)

Atualmente, as escalas são disponibilizadas na página da Federação Gaúcha de Basketball, onde são consultadas pelos árbitros que devem confirmar sua participação na rodada a qual foram convocados.

“Hoje em dia, com a internet, tu consegue fazer coisas bem mais rápido... ela (secretária da FGB) me passa os jogos, nós montamos uma estrutura dentro do próprio site da Federação, onde as escalas do campeonato estadual serão colocadas lá com uma semana de antecedência... montamos essa estrutura... onde cada um tem seu nome lá, aí a pessoa liga, manda e-mail, um torpedo, por msn... dizendo se vai poder ou não (...)” (Serpa)

Como ASPECTOS PRIORIZADOS NA MONTAGEM DE ESCALAS DE TRABALHO, elencou-se: disponibilidade, aceitação, preservação, categorias, merecimento, parte técnica e distribuição de jogos, constatados abaixo:

“A escala tem níveis... dentro dessa repetição de jogos tem o fator principal: disponibilidade. Se tu tem disponibilidade... as pessoas dizem que alguns são privilegiados, mas não são privilegiados, é a disponibilidade. Porque também tem aqueles que só querem apitar jogo bom, só na quadra de taboão, não querem no cimento. Tu não pode deixar de valorizar a pessoa que vai em qualquer biboca, qualquer jogo, qualquer taxa e não colocar ele num jogo bom... e aí não tem benefício. É a disponibilidade, aceitação, é de tá no grupo, é de aceitar a política, é aceitar como que a cultura do basquete vive... se tu tá dentro desse meio cara, tu vai.” (Gomes)

“Dois critérios são adotados... primeiro: a disponibilidade... e tem a tua categoria... lógico que tu tendo disponibilidade ampla tu vai trabalhar mais (...)”

“E outra coisa que é feita também na escala: procura-se distribuir os jogos pra que tu não fique com um número elevado de jogos, isso também vai te causar... pra que tu não fique saturado com as equipes e pra que não se crie ciúmes dentro do grupo.” (Barbosa)

“Uma disponibilidade geral... eu tenho pra poder fazer a escala. O que eu procuro? Primeiro: eu tenho um ranking de árbitros, um ranking meu, que não foge muito do que é nacional, internacional, primeira... conforme os jogos vão acontecendo eu vou montando essa escala. Priorizo a parte técnica do árbitro e a parte técnica do jogo. Procuro colocar, às vezes, árbitros mais antigos com árbitros mais novos, dependendo do jogo, árbitros mais antigos, muitos por merecimento, né? E a parte técnica.” (Serpa)

Quando perguntados sobre as escalas de brasileiros de base (que são campeonatos sub-15 e sub-17 de seleções estaduais), eles afirmam que há um RODÍZIO entre o quadro de árbitros capacitados a apitar essas competições, como podemos ver abaixo:

“Só não participa dos brasileiros de base, se tu é estagiário ou terceira (categoria). A gente sempre procura trabalhar fazendo um rodízio nos brasileiros... óbvio, que árbitros que tem condições de participar desse campeonato... tu procura manter árbitros que apresentaram destaque.” (Barbosa)

“(...) brasileiro de base... dentro de cada Federação tem um rodízio dos árbitros... o cara foi muito bem e a CBB quer investir no cara, o cara vai mais que os outros.” (Gomes)

“Com relação a campeonatos brasileiros de base... conversamos com essa nova coordenação da CBB, primeiro ponto que eles querem: são árbitros regionais... então no sub-15 vão árbitros regional, no sub-17 vão árbitros regional. Os árbitros nacionais... quando tem torneio, convocação da CBB, eles estão numa outra esfera. Então eles saem dessa esfera regional... eles já estão galgando outra situação (...)” (Serpa)

Tendo concluído o capítulo da análise e discussão dos resultados, apresentamos na continuação nossas considerações a modo de conclusão.

CONCLUSÃO

Pensamos em desenvolver esta parte do estudo em forma de tópicos, tratando de deixar registrado, aquelas que pensamos, possam ser as contribuições mais importantes que resultaram de nosso exercício investigativo.

A ordem em que vão sendo apresentados, em absoluto, significam maior ou menor nível de importância. Todos os aspectos são considerados relevantes no processo de identificação das condições que podem favorecer a evolução do árbitro de basquete do Rio Grande do Sul.

1. Identificamos as características que levam um árbitro gaúcho de basquete a obter sucesso em sua carreira, tema esse que era o objetivo principal de nosso estudo, sendo elas: ser um bom gestor da partida, ter disciplina, aceitação, pontualidade, entender as regras do jogo, saber resolver problemas, ter dedicação, estudar muito, ter uma boa postura, ter condições técnicas para levar uma partida até o final e cuidar de sua preparação física.

Dentre estas, destacamos a necessidade de ser um bom gestor da partida, pois essa qualidade é considerada pelos atuais avaliadores das entidades que regem o basquete de fundamental importância para alcançar os mais altos níveis da carreira arbitral. Salientamos também a preparação física como outro fator preponderante na formação de um árbitro, posto que, colabora diretamente no acompanhamento do jogo e é parte eliminatória nas clínicas de promoção a nível nacional e internacional.

2. No que diz respeito aos cursos de formação, constatamos que a carga horária limitada em 40 horas, dificulta o aprendizado, visto que o tempo é insuficiente para uma formação plena dos árbitros. Uma alternativa é a realização do curso tendo uma primeira parte teórica (introdução às regras, à filosofia de jogo, à administração da partida), acompanhado de um torneio de categoria de base (preferencialmente de mini-basquete), com o objetivo principal de proporcionar aos aprendizes a vivência prática do ato de arbitrar. Sugerimos ainda, a filmagem dessas partidas e sua posterior utilização, dentro do curso de formação, como material didático para explicação dos conteúdos a serem desenvolvidos, ocorrendo assim uma formação eficaz e capacitatória dos postulantes a árbitros de basquete.

3. Referente à organização curricular dos cursos, verificamos a necessidade de acrescentar aos conteúdos já desenvolvidos, um bloco para explicitar aos alunos quais as normas de progressão em sua carreira como árbitro (existência de número de jogos para troca

de nível, tempo de permanência em uma categoria) e como ocorrem os processos administrativos (confeção de escalas de trabalho, taxas de arbitragem).

4. Notamos que há necessidade de um aumento no quadro de árbitros da Federação, por isso propomos alternativas já utilizadas (VER APENDICE A), por Federações Autônomas Espanholas na captação de novos membros, que obtiveram sucesso, tais como: a visita de árbitros em escolas e universidades falando sobre o mundo da arbitragem e as recompensas de tornarem-se árbitros de basquete, bem como a tentativa de captação de ex-atletas que estejam encerrando sua carreira como atleta desta modalidade.

5. No que concerne a formação continuada dos árbitros que já fazem parte do elenco da FGB, achamos que a metodologia utilizada nas reuniões mensais é coerente com os objetivos traçados, entretanto acreditamos que estas podem ser mais bem exploradas, com a reprodução de filmagens de jogos dos árbitros que fazem parte da AGOB. Outro aspecto a ser ressaltado, é a periodicidade das reuniões, que poderiam ser quinzenais, para que se consiga aprofundar os conhecimentos. Em definitivo, poderia haver um estímulo maior a participação, sendo a presença um critério para a inserção nas escalas dos jogos.

6. Quanto às clínicas de atualização/reciclagem, enfatizamos a sua importância por ser um método de aproximação entre os árbitros, de padronização da equipe de arbitragem, de consolidação de conteúdos, troca de experiências entre árbitros mais antigos e mais jovens e apropriação e discussão de novos conceitos/ regras estipulados pelos órgãos responsáveis pelo basquete. Todavia, por tratar-se de um ambiente tão rico e tão complexo, propomos que seja mais recorrente, acontecendo trimestralmente.

7. Sobre progressão, tivemos dificuldade em distinguir plano de carreira de avaliação, pois estão intimamente ligados. Constatamos divergência entre a teoria expressa no Regulamento dos Oficiais de Quadra e Mesa da FGB e a opinião dos entrevistados (que condiz com a realidade). Entretanto, não concordamos com nenhum dos dois métodos existentes, pois está distante da prática realizada na CBB e FIBA, que privilegia a competência e qualidade em detrimento do tempo e do número de jogos necessários para mudança de categorias. Faz-se necessário uma interação entre os responsáveis, objetivando a possibilidade de suprimir etapas na ascensão de um árbitro e a disponibilização dessa nova resolução a todos os membros do basquete gaúcho.

8. Identificamos uma exponencial melhoria no que se refere à confeção das escalas de arbitragem, quando comparada a metodologia utilizada antes da formação da Comissão de

Arbitragem. Isto se deve ao fato da nova Comissão ser formada por árbitros em atividade que conhecem a realidade da arbitragem de “dentro da quadra”, o que facilita seu entendimento de todos os aspectos envolvidos em um jogo de basquete.

9. Ainda, elucidamos que a exigência de clubes, treinadores, atletas, mídia, torcedores e dirigentes é de uma arbitragem profissional. Salientamos que essa exigência é cabível e demonstra que o basquete é um esporte em ascensão, porém as condições fornecidas aos árbitros são precárias. Esse estudo tratou de apontar algumas melhorias em relação à formação dos árbitros, mas esse aspecto não é o único a ser levado em consideração no tema profissionalização. Outros passos a serem dados nessa direção são: aumento nas taxas de arbitragem, fornecimento de uniformes padronizados pela FGB, maior divulgação do basquete gaúcho nos meios de comunicação ocasionando aquisição de patrocinadores, melhoria na estrutura física dos locais de atuação (ginásios e espaços administrativos).

Cabe ressaltar que ao longo desse trabalho nos deparamos com fatores limitantes tais como compromissos profissionais (prolongando a conclusão do estudo para cinco semestres), recursos financeiros e acesso à bibliografia específica de formação de árbitros, principalmente, relacionadas ao basquete - ocasionando a utilização quase que constante do autor Miguel Angel Betancour, por este abordar de maneira muito objetiva esse assunto.

Outro aspecto que destacamos, foi a falta de documentos da Federação, relacionados à estrutura dos cursos formativos, políticas de formação, normas de progressão e avaliação dos árbitros.

Concluindo, esse estudo não pretende encerrar os aspectos relacionados à temática, mas iniciar a discussão a respeito da formação de árbitros de basquete. Dessa forma, acreditamos ter dado um passo importante nessa direção.

Cabe destacar também o estímulo que este trabalho representou para o seu autor, que ao trabalhar como árbitro de basquete teve respondidos vários de seus questionamentos, identificou um caminho a ser seguido em sua carreira e que reconheceu em si as atitudes de um “árbitro vencedor”.

Por último, cremos que os objetivos traçados no início da pesquisa parecem ter sido satisfatoriamente alcançados.

REFERÊNCIAS

BECKER JUNIOR, B. O árbitro esportivo. In: _____. **Manual de psicologia do esporte & exercício**. Porto Alegre: Novaprova, 2000. p.214-23.

BETANCOUR, Miguel Angel. El árbitro de baloncesto. Principios y bases teóricas sobre su formación. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, a. 4, n. 17, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd68/arbitra.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

BORDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BORDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAGIGAL, José Maria. **Cultura intelectual y cultura física**. Buenos Aires: Kapelusz, 1979.

CAGIGAL, José Maria. **Deporte: pulso de nuestro tiempo**. Madrid: Nacional, 1972.

CBB (2009) www.cbb.com.br Site oficial da Confederação Brasileira de Basketball.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regras do Jogo de Futebol 2008/2009**. Rio de Janeiro: 2008.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Resolução nº 046/2002. Disponível em <<http://www.confef.com.br>>. Acesso em: 21 out. 2009.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol metodologia do ensino**. São Paulo: Companhia Brasil, 1974.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol origem e evolução**. São Paulo: Iglu, 1991.

DE ROSE JUNIOR, Dante; PEREIRA, Fabiana Pinheiro; LEMOS, Roberta Freitas. Situações

Específicas de Jogo Causadoras de “Stress” em Oficiais de Basquetebol. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, a. 16(2), n.20, jul/dez 2002. Disponível em <<http://www.usp.br/eef/rpef/v16n22002/v16n2p160.pdf>>. Acesso em 03 out. 2009.

DE ROSE JÚNIOR, Dante; TRICOLI, Valmor. Basquetebol: conceitos e abordagens. In:_____. **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In:_____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDBALL. **Regras Oficiais 2006-2009**. São Paulo: Phorte, 2006.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL. **Regras Oficiais de Basketball e Manual dos Árbitros**. São Paulo, 2004.

FGB (2009) www.basquetegaucho.com.br Site oficial da Federação Gaúcha de Basketball.

FIBA (2009) www.fiba.com Site oficial da Federação Internacional de Basquete.

FRAGA, Alex Branco et al. **Lições do Rio Grande: livro do professor**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2009.

GARCIA, María Elena Guardo; DÍAZ, Isabel M. Fleitas. Hacia una teoría del arbitraje deportivo: introducción. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, a. 10, n. 68, jan. 200a. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd68/arbitra.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

GARCIA, María Elena Guardo; DÍAZ, Isabel M. Fleitas. Hacia una teoría del arbitraje deportivo: el futuro del arbitraje deportivo. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista**

Digital, Buenos Aires, a. 10, n. 94, mar. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd94/arbit.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

GARCIA, María Elena Guardo; DÍAZ, Isabel M. Fleitas. Hacia una teoría del arbitraje deportivo: ¿Es la teoría del arbitraje deportivo un Problema Científico a solucionar?. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, a. 10, n. 70, mar. 2004. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd70/arbit.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

GARCIA, María Elena Guardo; DÍAZ, Isabel M. Fleitas. Hacia una teoría del arbitraje deportivo: principios para una estrategia de dirección por valores en el arbitraje deportivo. **Lecturas, Educación Física y Deportes, Revista Digital**, Buenos Aires, a. 11, n. 96, mai. 2006. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd96/arbit.htm> >. Acesso em: 05 jun. 2009.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta e informações na pesquisa qualitativa. *In*: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PARLEBAS, Pierre. **Elementos de sociologia del deporte**. Malaga: Universidad Internacional Deportiva de Andalucía, 1988.

Revista Árbitros FEB. Barcelona, n.3, 20/06/06. Disponível em

<<http://www.feb.es/Documentos/Archivo/pdf/prensa/digitales/AFD03.pdf>>. Acesso em 23 de junho de 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Regulamento dos Oficiais de Quadra e Mesa da FGB**, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. **Estatuto da Associação Gaúcha dos Oficiais de Basketball**, 2001.

SIMON, Carlos Eugênio. **Na diagonal do campo**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

TANI, Go. Esporte e Processos Pedagógicos. *In*: MOREIRA, Wagner; SIMÕES, Regina (org.). **Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio**. Piracicaba: UNIMEP, 2000.

TÔNDOLO, Delmar Alberto; SEDREZ, Sálvio Pereira. **Arbitragem Uma Nova Visão Além das regras o que mais um árbitro deveria saber**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

TSETLIN, P. **Baloncesto: manual de treinamento para principiantes**. Moscou: Basketboji, 1961.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.

VARGAS, Ângelo Luiz. **Desporto Fenômeno Social**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

APÊNDICE A - Quadro Explicativo sobre a Captação e Formação das Federações Autônomas

| Comité | Ações captação | Ações Formação |
|---------------------|---|---|
| Andaluz | vão a institutos e falam sobre os cursos de arbitragem/ imprensa | grupos tutelados por técnicos que realizam 2 clínicas por ano |
| Aragonés | vão a universidades falar sobre a arbitragem/ campanhas online | curso com teoria (regras e trabalho em quadra) e prática (categorias menores) ajuda de árbitros veteranos com iniciantes, os que seguem tem pelo menos 1 gravação em vídeo |
| Asturiano | visita a centros educativos e imprensa/ internet | curso de 30 horas para os novos e reunião a cada 3 meses de todo o quadro para provas teóricas e físicas |
| Balear | cartazes distribuídos nos clubes e centros de estudo/ imprensa | cada ilha se encarrega da sua formação/ árbitros nacionais realizam uma clinica em setembro para provas físicas e teóricas/ disponibilização de últimos DVDs FEB e FIBA Europa |
| Canario | editam-se cartazes e vídeos e dispõe de um monitor que vai conversar com os candidatos em institutos e colégios | clinica de 3 dias onde realizam as provas, internet servindo de meio para comunicação e aplicação de provas teóricas |
| Cántabro | internet/ imprensa/ cartas a ex-jogadores com os cursos a serem realizados | gravação de partidas |
| Castellano Manchego | difusão na imprensa e em centros educacionais | conta com 14 membros e 8 técnicos, cada membro dá informes sobre as partidas e realiza palestras/ os clubes devem gravar as partidas, o que facilita o acesso as imagens dos jogos/ disponibilização dos últimos DVDs da FEB e FIBA Europa |
| Castellano Leones | campanha explicativa em universidades realizada por 2 árbitros mais experientes conversando com os alunos/ confecção de cartazes/ internet | uso de meios audiovisuais é fundamental/ jogos da primeira divisão são gravados e enviados aos árbitros com o informe sobre o jogo/ material digital FEB e FIBA Europa é a base para clínicas |
| Catalán | internet/ distribuição de cartazes e pôsteres/ coordenador de captação encarregado de organizar falas nos centros de ensino | curso de árbitros com duração de 30 horas (metade prática e metade teórica), tutores que acompanham os formados nas primeiras 3 semanas nas partidas/ durante a temporada são ministradas 3 palestras por toda Catalunã/ são realizados uma série de acampamentos durante o ano/ clinica de pré-temporada + 2 clinicas de formação continuada para a escola/ 6 acampamentos de mini e 3 clinicas para escola/ árbitros da copa Cataluña tem reuniões técnicas para discussão de partidas gravadas (3 partidas por semana) |
| Ceufí | cartazes/ imprensa/ internet | apoio da federação Marroquina/ gravação de partidas/ relatórios de quadra |
| Exetremeño | cartazes/ internet | técnicos arbitrais são encarregados da formação |
| Gallego | cartazes e visita a centros escolares | 3 reuniões por ano para unificar critério e provas através de email/ clinica no inicio da temporada |
| Madrileño | cartazes/ internet/ palestras nos treinamentos de equipes para captação de jogadores que estejam terminando seu ciclo como jogadores | jovens que chegam a escola se integram a um grupo destinado a dirigir encontros de menores e realizam o curso de formação básica/ apoio do material audiovisual da FEB e FIBA Europa |
| Melillense | cartazes/ imprensa/ internet/ boca a boca para integrar o comitê pessoas do entorno dos árbitros e oficiais | reunião 1 vez por semana para trabalhos técnicos/ acompanhamento se dá por informes de quadra de árbitros de categorias superiores |
| Murciano | árbitros colaboradores indicados pelos clubes que tenham um conhecimento prévio captação em institutos e universidades, através de um pessoa que vá nesses lugares; folhetos e cartazes/ jogadores em seu ultimo ano, encerrando sua carreira | curso de 2 semanas de duração, com parte teórica e prática/ acompanhamento de árbitros mais experientes nas primeiras partidas, os quais informam a evolução do novo árbitro |
| Navarro | palestras em institutos e clubes/ imprensa | reunião por 2 horas semanais com trabalho em equipe/ gravação de partidas que são assistidas em conjunto para análise de mecânica e de critérios/ clinica pre-temporada |
| Riojano | boca a boca para atrair para o mundo da arbitragem amigos e familiares dos árbitros em atividade/ internet | organizam-se grupos que trabalham cada um em um aspecto diferente das regras e posteriormente expõe esse assunto aos colegas/ arbitragem dos treinamentos do Caja Rioja (clube da segunda divisão)/ clinica pre-temporada para realização de provas teóricas e físicas e outra clinica/ acompanhamento feito por árbitros mais experientes |
| Valenciano | internet/ projeto para implantar nas universidades um curso que conceda créditos complementares | comitê dividido em grupos/ desenvolvimento de uma ferramenta muito poderosa de formação a “aula web” realizada para cumprir a parte não presencial dos cursos de formação |
| Vasco | internet/ captação em centros de estudo com palestras de membros do comitê acerca da vida de árbitro | organização em grupos/ clinica pre-temporada para realização de testes físicos e teóricos/ escalas e provas enviadas por email/ gravação de pelo menos 2 partidas de cada árbitro/ utilização dos DVDs da FEB e FIBA Europa |

APÊNDICE B: Roteiro das entrevistas (coordenadores de arbitragem)

1. **Trajétoria na arbitragem do basquete.**
2. **Relação com a formação dos árbitros.**
3. **Política de formação dos árbitros no estado.**
4. **Curso de formação** (periodicidade, carga horária, quadro de professores...)
5. **Trajétoria do arbitro pós curso formação** (estágio probatório, avaliação número de jogos, período de tempo...)
6. **Troca de níveis e as oportunidades de progressão.**
7. **Formação continuada** dos árbitros.
8. **Escalas de arbitragem?**

APÊNDICE C: Roteiro da entrevista (árbitro recém formado)

1. **Experiência com o basquete.**
2. **Decisão de ser árbitro?**
3. **Curso de formação.** (como foi? quando fez? o que achou? por que fez? onde foi? quem ministrou? carga horária?)
4. **Trajetória pós curso de formação.**
5. **Cumprimento das promessas de oportunidades de trabalho.**
6. **Formação continuada.**
7. **Nível de satisfação com as oportunidades.**
8. **Experiência pós formação** (jogos mais importantes, aprendizado).

APÊNDICE D: Transcrição completa de uma entrevista**ENTREVISTA COM FERNANDO SERPA**

Realizada por: Guilherme Zingano

Data: 4 de junho de 2010.

Local: Porto Alegre - RS

Transcrita por: Caroline Canabarro

Data: 12 de junho de 2010.

Guilherme – Vamos lá então, eu tenho 10 perguntinhas aqui, a gente vai conversando, sem estresse. Primeiro eu queria que tu falasse um pouco da tua trajetória, como é que começou, como é que foi, por que tu decidiu ser árbitro, essas coisas assim...

Serpa – Eu fiz o curso de árbitro da Federação em 1987...

G – Tu jogava basquete?

S – Eu era... isso, eu tava na faculdade. Eu joguei desde a escola, 5º série, que eu me lembro assim, eu jogava basquete no colégio. Joguei até o 2º grau. Aí resolvi fazer a faculdade de Educação Física e na faculdade eu também jogava, mas sempre só em faculdade, nada de clube. Nem visualizava profissional, até porque não tinha...

G – Mercado?

S – Não, (risos) não tinha basquete e nem corpo pra...

G – Ah, tá! (risos)

S – Né? Não era o... e aí eu gostava de fazer essa... nos treinos quando o professor pedia pra marcar, ou coisa assim, eu sempre gostei de fazer essa mediação. Na faculdade, quando teve essa oportunidade, eu vi lá uns cartazes na faculdade que ia ter um curso de árbitros, eu não conhecia ninguém em Porto Alegre, tinha chegado aquele ano, e fui lá. Fui lá, fui na Federação, fiz a inscrição, o curso foi na própria Federação mesmo, ministrado pelo Mabilde. O curso foi de dois finais de semana, eu acho, a parte teórica. Antigamente era assim, tu fazia uma parte teórica aí tu terminava o curso, porque tinha muita gente que não queria seguir na arbitragem, era um curso de regras no caso. Então quem quisesse seguir o curso depois, aí pra entrar na Federação tu fazia um estágio, nesse estágio tu faria as provas práticas, seria avaliado e continuaria. Do meu curso, quem fez, a Flávia, que hoje é mesária, fez comigo, só que ela já era da Federação, ela já trabalhava com basquete. Eu conheci ela na faculdade só que ela fez o curso pra ter o diploma, sabe? Porque ela já trabalhava na Federação.

G – Que ano foi isso Serpa?

S – 87.

G – Aí tu começou, direto pra quadra...

S – Fiz o curso em 87, setembro e em outubro eu já tava participando de jogos, como estagiário.

G – Quadra direto?

S – Só quadra direto. Trabalhava na mesa quando precisava assim, mas naquela época meio que assim: ou tu quer ser árbitro ou tu quer ser mesário. Era mais ou menos assim que funcionava.

G – Fala um pouquinho da tua relação com a formação dos árbitros aqui do estado.

S – Hoje?

G – É, hoje.

S – Hoje... Em relação a formação... Tu quer saber de cursos, de como é que é, de como é que funciona?

G – Tu vai falar de tudo um pouco, agora mais assim, o que que tu tá fazendo em relação a formação, entendeu? Eu perguntei pro Barbosa, por exemplo é ele que tá junto contigo, que eu já sei; mas pra constar, entendeu? Que é um cara que tá fazendo os cursos, que tá um pouco afastado, que é tu que tá nessa parte, mas eu quero que tu fale assim mesmo... tu que é o cara que comanda...

S – É, hoje essa parte, na Federação a gente meio que tá fazendo é eu e o Barbosa. Continuamos com os cursos aqui, e sempre vai ter uma mesária junto com a gente.

G – O curso de formação, né?

S – Do curso de formação. O Gomes é o responsável pelos cursos da Confederação. Nós vamos fazer agora de 24 a 27, vai sair na nota oficial, nós vamos fazer um curso de formação de árbitros novos e aprendizado de mesa. Na terça-feira agora a Dani já tá pegando, mandando pra gráfica...

G – Dá pra me dar uns pra colar lá na ESEF.

S – Sim, sim, nós vamos fazer em todas na UFRGS, na São Judas...

G – Se quiser ter entrada pra falar alguma coisa, eu falo com o Mário, nas cadeiras dele, sem problema nenhum. Eu vou lá mesmo e falo com ele.

S – Perfeito. Tem muita gente da UFRGS que tem mandado mensagem pro site da Federação perguntando de curso e eu tenho respondido, eu que tenho feito essa parte aí. Tem umas meninas lá, até me esqueci de pegar o nome pra ver contigo.

G – Se for da ESEF é provável que eu conheça.

S – Patrícia!

G – Patrícia? Hmm. Tem que pegar direitinho...

S – Eu tenho em casa guardado. Aí nessa fase agora, ia ser um curso junto com a CBB, curso de formação e uma clínica técnica. Que o Gomes vai participar junto. Então ele vai fazer uma de... ele vai fazer essa de nacional em Florianópolis e vai ser na mesma data. Então ele vai começar essa nossa aqui, dia 24, e depois ele vai pra Floripa pra fazer a de árbitros nacionais. E eu, o Barbosa e a Lu vamos dar essa aqui. Então essa parte de formação aqui no estado sou eu e o Barbosa e sempre uma mesária. A gente pretende uma vez convidar a Flávia, uma vez a Elô. A Elô deu aquela vez lá no Lindóia, a Lu vai fazer esse agora, um outro que tiver a Flávia vai ser convidada. Pegar as mesárias mais antigas, porque essa parte mesa é melhor alguém que exerce essa função. Mas essa parte de formação agora é toda comigo e com o Barbosa.

G – Vocês tem alguma coisa documentada sobre política de formação? Ou é só da cabeça de vocês mesmo, com o que vocês tem de experiência? Não tem nada no papel?

S – De política de formação?

G – É, de formação.

S – É, não. O que a gente faz nos cursos... Tudo vem de cursos... Vou te dar um exemplo: o meu curso, que eu fiz, quando eu fiz com o Mabilde foram dois finais de semana só, porque ele leu o livro de regras inteiro durante o curso. Então a gente pegava, desmembrava o livro de regras, falava sobre situações, ele contava exemplos, essas coisas assim e depois a gente ia pra quadra. Hoje em dia, com o Fontana, a gente pegou uma outra didática, uma didática hoje em dia de visual, de imagem, de vídeo, então esse material todo que a gente tem, que a gente vai passando, a gente monta esse curso dentro dessa... dessa... esse curso dentro dessa... é o mesmo molde que a CBB tá fazendo. Tu entra no site da CBB, por exemplo essas clínicas que hoje o Gomes tá dando e antes o Fontana dava, e tem o programa deles ali, o que que tu tem que... que vai dar no curso. Então nós vamos pegar um curso desses, de formação, nós vamos trabalhar desde o beabá, porque muitas pessoas que estão ali nunca... ah, é um curso de arbitragem... muitos nem sabem quantos jogadores tem dentro da quadra, assim como muitos são ex-jogadores, estudantes de Educação Física que jogam, que querem ter uma outra função, já sabem tudo; então é uma coisa que tem que trabalhar desde o básico até os conhecimentos. Claro que vai depender do... Tem professores de escola que vão ali porque precisam trabalhar uma regrinha com seus alunos e tem gente que quer trabalhar mesmo com arbitragem. Então dentro disso aí tu tem que programar. Então nós vamos fazer essa parte teórica, dentro desse curso aí, trabalhar com alguma parte e esse pessoal que sair dali e quiser depois participar da Federação, vai ter depois um estágio, que vai ter que fazer para depois entrar no quadro da Federação.

G – Sobre a estrutura dos cursos de formação... Como é que é, esse que vocês vão fazer, os anteriores, como é que foram, sai um por ano? Tudo, desde carga horária, quem é que ministra, isso tu já falou um pouco.

S – A princípio a gente procura fazer um por ano. Nesses últimos anos eu creio que tenha conseguido manter. No ano passado até que, que tiveram dois.

G – Foi onde?

S – Teve em Caxias que eu e o Barbosa demos e... não não. Nós não fizemos em Porto Alegre ano passado... No Lindóia foi ano retrasado. Nós demos no Lindóia ano retrasado, ano passado em Caxias e antes nós demos um em Passo Fundo. Clínicas e também de arbitragem. Esse de Passo Fundo a gente fez na faculdade lá, pro pessoal da região que trabalhava com basquete. Mas dentro disso, o cara lá, o professor da cadeira convidou os alunos e tinha quase umas 50 pessoas fazendo.

G – Como é que são, como é que vocês fazem... pra fazer um curso em Passo Fundo por exemplo, como é que vocês chegaram a fazer lá?

S – Lá foi o professor da faculdade que entrou em contato com a Federação, solicitando um curso e aí a gente montou esse curso, visando o que que ele pretendia lá.

G – Não era direcionado?

S – Exatamente. A gente foi lá capacitar o pessoal dele lá, porque tinha um campeonatinho na região, essas coisas. Então fui eu, o Sandro e o Barbosa, que a gente foi pra trabalhar com eles lá. Então foi visando um...

G – Não foi pra Federação?

S – Também. Poderia ser feito, né? A gente pode usar esse pessoal que tá lá, quando tiver jogos lá na região lá, a gente pode trabalhar com eles lá.

G – E funciona sempre assim, por exemplo, se pedirem vocês fazem tranquilamente o curso, né?

S – Isso. Mas não de formação, o de formação no caso a gente que determina quando tem. Esse do Lindóia que teve, quem a gente aproveitou que está hoje na Federação – aquele ano teve dois depois a Daniela organizou um lá em São Leopoldo, agora que tô me lembrando – o Bruno saiu desse do Lindóia, o Mateus saiu desse, a Pati Blein – Blein né?

G – Bleil.

S – Bleil saiu desse do Lindóia, a Gisele se não to enganado saiu desse do Lindóia.

G – Teve lá de São Leopoldo o Luz.

S – O Luz saiu lá de São Leopoldo. Sabe? Então esse pessoal que tá assim mais novo agora, são desses cursos remanescentes. E agora a gente tá tentando nesse novo curso que a gente vai fazer, tentar dar uma renovada no quadro da Federação. Renovada o que que é, não é que assim vai tirar o pessoal que tem na Federação, não, sempre vai... Tem gente que vai parando... E a gente precisa de gente nova pra tocar. Nem todo mundo diz: Ah, vou trabalhar todo final de semana. Não vai, vai ter um joguinho aqui, um joguinho lá. Eu nessa política, como eu entrei agora, eu tenho procurado colocar bastante gente pra trabalhar, então isso aí às vezes, putz, tá faltando gente. Mas isso porque? Porque eu tenho colocado bastante gente pra

trabalhar, poderia não faltar era só eu colocar poucas pessoas pra trabalhar e ia ter sempre gente sobrando.

G – Sim. Do curso ainda. Carga horária deles, desses que saíram, do próximo que vai sair, os conteúdos trabalhados...

S – Esse agora, a gente tem colocado sempre pelo menos 40 horas. É o mínimo que a gente quer colocar porque é o que vale pra certificado. Porque se tu vai apresentar na faculdade, é o mínimo que se exige. Tu até aceita curso de 20 horas, mas os que valem mesmo pra pra... são os de 40.

G – Esse é pra sair com 40 horas também?

S – Esse é pra sair com 40 horas.

G – E conteúdos trabalhados, o que que...

S – Entra as regras em si, né? Específicas, dentro do geral, que é o que tu tem que fazer, né? A parte física que tu trabalha, são tópicos, né? Físico, psicológico de um árbitro, mecânica de arbitragem, tudo que envolve o jogo em si na parte da arbitragem.

G – Parte prática é mais de mecânica, né? Ou tem parte prática durante o curso?

S – Prática tem, a parte prática que nós colocamos são exercícios de mecânica. Por exemplo, como um árbitro deve se colocar dentro da quadra. Então como tu vai ensinar, quando tu ensina por exemplo um atleta, tu ensina como ele se aproximar da bandeja, vai ensinar um arremesso e dentro da arbitragem a gente faz isso aí, exercícios específicos pra arbitragem de três árbitros, de dois, é na parte prática que tu coloca.

G – Beleza. Tá, o árbitro fez o curso de formação, esse aqui e ele quer continuar na Federação, como é que é a... saiu do curso e agora?

S – Primeiro ele tem que atingir a nota mínima, que é o 7. Pra passar...

G – Prova teórica?

S – Prova teórica. O certificado ele vai ganhar igual quem fez o curso, mas ele tá apto a poder fazer parte do estágio, da parte prática mesmo, na Federação. E aí ele entra no quadro da Federação, se ele for aprovado, como estagiário. Então dentro desse estágio ele vai ser avaliado, pra sabe se ele tem condições mesmo de trabalhar, uma coisa é no curso, os jogos que a gente coloca não é de campeonato. É diferente tu participar de um jogo ali, às vezes a gente não consegue equipes pra jogar tu monta uns times ali mesmo e coloca pra parte prática.

G – Os próprios caras que estão fazendo o curso?

S – É, os próprios caras. Então não é uma situação vamos dizer entre aspas, real de jogo. Então ele começa trabalhando, ele vai trabalhar primeiro ali, na mesa, pra ele dar uma olhada, que eu acho que é o melhor aprendizado assim hoje em dia do pessoal, e ele ir olhar jogos.

Jogos sempre em Porto Alegre, pra olhar mesmo. E aí depois eles vão ser colocados pra trabalhar sempre com alguém mais experiente, vão ser avaliados e aí sim eles vão fazer uma prova pra saber se eles vão poder entrar mesmo no quadro da Federação.

G – Quanto tempo eles ficam nesse período de avaliação? Esse negócio de categorias ainda funciona, terceira, primeira, segunda?

S – Tem, tem. A gente tá tentando dar uma retomada nisso, porque tem as categorias.

pausa por problemas na gravação

G – Estávamos falando do estágio...

S – Certo, o pessoal que sai do curso e quiser fazer parte da Federação, primeiro tem que tirar uma nota mínima - 7, e aí eles tem que cumprir um determinado número de jogos pela Federação como estagiários. Serão avaliados nesses jogos pra saber se terão ou não condições de trabalhar na Federação. O que que nós temos hoje para os estagiários: jogos escolares, Copa Farroupilha, School Games, alguns jogos que tem aqui na região, por exemplo o Novo Hamburgo nos ligou esses tempos pra fazer um jogo lá, daí vamos colocando esse pessoal sempre com um pessoal mais experiente, pra ver como é que eles estão trabalhando. No campeonato estadual já é mais complicado, a não ser que se precise muito assim, não tenha ninguém e a pessoa já é um bom... mais mesários, né? Que vamos dizer assim, é mais fácil do que tu entrar pra quadra direto, pro apito direto.

G – Ele fez o estágio, passou no estágio, começou na terceira categoria?

S – Isso, terceira categoria. Aí depois ele vai progredindo...

G – Número de jogos?

S – Número de jogos, desempenho... quando a gente fizer uma outra clínica de padronização – que agora a gente quer fazer todos os anos, uma clínica da Federação, pra gente conseguir datas pra fazer essa clínica antes do campeonato – e aí aplica-se uma prova e daí se ele passar nessa prova, aí ele... não só o resultado da prova, porque aí é muito fácil tu pegar uma teoria por exemplo, um cara que é bom na teoria e chegar na prática e ele não desempenhar. Nos árbitros de primeira categoria, nós temos que ter os melhores árbitros, que são os árbitros que são aspirantes a nacional, no nosso caso tem, em outros estados não tem categorias, é dividido em regional e nacional. Nós sempre tivemos. Tem árbitros hoje no estado que a capacidade deles pra ser árbitro nacional, não vão ser. Em função de parte física, ou de... mas eles estão, pelo tempo de serviço que tiveram na Federação, pelas provas, mas aquilo ali é tipo assim, o estágio máximo que... são árbitros bons, mas pra dentro do nosso estado, dentro das necessidades que a gente tem, como em tudo que é profissão tu pega o exército, tu tem o sargento aquele lá que é o antigão lá, que tem gente mais nova que já é capitão, e assim eles vão indo.

G – Tranquilo. O que que eu ia te perguntar mais... Tinha mais alguma coisa pra perguntar... Então vamos assim, pra dar uma dica pros estudantes, pros caras que tão entrando agora e que tão querendo, tão afim. Pra eles passar de um nível pro outro, mais rapidamente, o que que

eles teriam que ter?

S – Primeira coisa é dedicação. Mostrar interesse, ver jogos, eu me lembro que quando eu comecei a fazer jogos, tinha 3 árbitros internacionais no estado e uns 10 árbitros nacionais. E quando eu entrei, tinha árbitros regionais já antigos, então eu apitava pouco, dentro do estado, os campeonatos regionais, mas comecei a entrar. O que que eu fazia? Tinha jogo, eu ia lá ver os melhores apitar, ia ver o que que os caras faziam, me interessava, ia nas reuniões, procurava estar sempre junto. Isso aí tu vai aprendendo, tu vai vendo, tem o jogo, não interessa se eu to escalado ou não, eu vou lá, alguma coisa tu sempre vai tirar dentro dessa visão.

G – Como fazer, como não fazer, o que que eu posso fazer, e se acontecesse isso no meu jogo...

S – Exatamente. Então essa é a primeira dica. E tu tem que ter o talento, né? Não adianta tu ter disponibilidade, tu ter tempo, ter dedicação se tu não nasceu praquilo ali. Primeiro lugar tu tem que ter um sangue frio grande. Porque tu sai da tua casa, onde todo mundo entra pra ser aplaudido no ginásio, tu já entra pra ser vaiado, ser xingado. Então tu tem que gostar muito daquilo ali, tem que querer, porque não é fácil tu entrar lá no ginásio e já ser chamado de filho da puta, de ladrão... ninguém gosta disso, eu não gosto. Mas faz parte do que eu escolhi. Eu já to acostumado com isso, pra mim já não me afeta essa pressão.

G – Nem ouve, entra por aqui, sai por ali. Beleza. Ah, lembrei agora: os caras entraram pra terceira, que tipos de jogo eles apitam? Segunda, que tipo de jogos eles apitam? Tu falou, estágio são mais escolar, entrou pra terceira e agora?

S – O que que eu tenho feito agora no estadual – porque esse é o primeiro ano que to pegando e é o que eu posso te dizer – pessoal que é terceira categoria, segunda categoria, eles entram já, se tiver condições no caso, ele pode tá em terceira categoria e já tá apitando juvenil, ele pode apitar, não tem problema nenhum, mas não vai apitar tantos jogos como apitaria um de primeira...Então vamos colocar assim: o estagiário vai ali e apita os escolares, terceira e segunda categoria até o juvenil, dependendo dos jogos do campeonato juvenil, teoricamente hoje em dia seria o sub-19 nosso, podendo apitar esses jogos. Pra adulto, já entra os árbitros de primeira categoria, árbitros nacional e internacional.

G – Mas vamos dizer assim, o cara tem muita experiência, é bom pra caramba, ele tá na terceira porque ele entrou agora e tu vê que ele tem condições, ele vai apitar?

S – Vai apitar

.

G – Adulto inclusive?

S – Vai apitar, não tem problema.

G – Eu acho também que não tem problema, não tem que restringir o cara por...

S – Não, não. Tanto que tu tá vendo, hoje em dia que a gente tem no estado que não é primeira categoria... Eu tenho o Dudu, tenho o Bruno, tem o Luz, tem o Mateus, tem o Rafael, que são

os árbitros que não são primeira categoria, então eu não vou podar se o cara tiver condições de apitar jogos de nível mais forte. Porque isso aí tá na pessoa, tu não pode podar um jovem ou um cara que tenha condições, mesmo que seja mais velho e está numa categoria mais baixa, vamos dizer o caso do Eduardo, de apitar jogos de nível mais... O teu caso é um exemplo disso. Tu tava apitando jogos de adulto já quando tu era segunda categoria. Entendeu? Às vezes vai da necessidade, porque nem todo mundo às vezes tá disponível pros jogos, mas se o cara tiver condições... Isso que eu te digo: vale mais pros estagiários, até posso colocar um estagiário no estadual mirim, até o infantil, né? Isso eu posso colocar, mas com relação aos outros, vão entrar, vão entrar. Não tem essa de: porque não pode, não existe... Sempre as regras tem suas exceções.

G – Tranquilo. Tem que ver porque pra nós, caminhar assim pra uma evolução, de repente esse negócio de categoria primeira, segunda, terceira não tem muito... muito sentido assim, não sei o que tu acha?

S – Essas categorias já tem de muitos anos, como eu te falei, tinha muita gente, isso aí desde a época que eu tava na Federação. Por que que tinha terceira, segunda, primeira? Porque tinha muita gente, como eu te falei, tinham 10 árbitros nacionais. E eram tudo cara experiente, tudo da época do Barbosa, assim, o Caco nem era nacional ainda. O Alan tu conheceu, né? O Caco, o Alan esses caras eram tudo nacional comigo. Os caras eram tudo que nem o Barbosa, então era tudo desse nível, e os regionais ali, então dentro dos regionais, como tinha muita gente, tinha os caras que eram primeira categoria, que eram os aspirantes a nacionais; tinha os caras que eram segunda, não existia o estagiário, tu era terceira categoria quando tu entrava na Federação. Nós criamos depois o estagiário. Então hoje tu vai colocar no papel, o que que nós temos – até a gente quer dar uma renovada nessa nomenclatura, isso a gente tá fazendo, eu quero esperar o Barbosa terminar o curso que ele tá fazendo, pra gente...

G – Sentar e conversar.

S – Sentar e dar uma pegada nessa parte assim. Por exemplo hoje, o que que a gente tem de primeira categoria? 5 caras, na segunda? 5 caras, na primeira categoria, 2 caras. Então daqui a pouquinho tu tira a terceira categoria e deixa na segunda categoria e usa os estagiários e o pessoal que sair do curso. E tu não pode colocar também, o cara que sai do curso já logo em seguida tá com o cara que já tá a 2, 3 anos ali, vai pegar, lógico que vai pegar, daqui a pouquinho se o cara é bom, vai tá galgando.

G – É isso, eu vejo muito que é o que o Fontana fala, né? O Fontana fala que quer árbitro novo, que esse negócio de ter categorias, de separar por categorias ele fala não. Se o cara for de terceira no estado dele e eu acho que ele tem...

S – Mais chance que um cara de primeira...

G – Ele vai. Ele pegou no curso que eu fiz pra nacional, trouxe uma guria de Minas, que ele foi lá no brasileiro, viu a guria, a guria botou não sei quem pra rua que ninguém tava botando e foi assim do nada. Ela tinha entrado há um ano, meio ano. Ele falou pra ela falar pro presidente dela que ela podia ir pro Rio, porque ele queria ela aqui, fazendo curso pra nacional.

S – Mas isso aí quem vai poder fazer isso? O cara que é coordenador de arbitragem, que é o que manda na arbitragem. Isso aí, tu tem uma hierarquia dentro do teu estado, mas não significa que ele não possa puxar uma cara. Por exemplo assim, tem um cara lá de primeira categoria que tem 35 anos, 37, o cara apita mais ou menos como apita um de 22. Quem que vai subir?

G – Chama o cara que...

S – Tu é um caso desses. Tu vai apitar brasileiro, tu não era nem nacional quando tu foi apitar o feminino, ainda?

G – Não, não, regional.

S – Sendo que no teu estado tem gente mais antiga que tu, de nível nacional, entendeu?

G – Sim.

S – Isso é uma prova que vai fazer, que dá certo e tu tem que fazer. Ah, os caras que são nacionais mais antigos vão ficar melindrados. Problema deles. Eles tiveram já a sua chance, foram lá, se foram bem ou se não foram vai depender de quem tá avaliado, quem não tá, se o cara gostou de ti, não gostar de ti, não no sentido de ah, tu é legal, vou te dar presentinho. Tu tem que mostrar dentro da quadra. O cara te leva, agora lá dentro tu tem que mostrar o teu talento. Entendeu? Isso aí que nós estamos fazendo, que eu tô fazendo, independente de quem for agora, certo? O Gomes hoje é o cara que manda na arbitragem, então se ele chegar aqui e disser: Oh, Fernando, vou puxar um lá pra levar lá no brasileiro. Fica a vontade.

G – Mesmo que o cara seja de terceira.

S – Mesmo que o cara seja de terceira, de segunda categoria. Por que? O que que a gente tem que fazer hoje? Lógico que o diálogo, é uma coisa que tu tem que ter dentro do teu estado. O Fontana levou muita bronca nos estados por causa disso. Era bem mais fácil se ele chegasse em quem manda dentro do estado e conversasse e explicasse o que que ele quer fazer. Porque dentro do teu estado tu tem o, vamos supor o Barbosa, se o Barbosa não fosse nacional, e tu tem um cara que nem tu que tá começando aí. Pro estado é importante o Barbosa fazer uma prova pra nacional e é importante tu também fazer uma prova pra nacional, os dois. Não simplesmente pega o mais novo, e leva pra lá. Aquele lá não vai ser internacional, vamos dizer, mas dentro do estado dele é importante.

G – Pra ele, né?

S – Porque teoricamente o cara tem influencia dentro do estado, é respeitado dentro do estado.

G – Tu vê, por exemplo, muitas pessoas melindradas por eu ter ido fazer a prova lá, eu o Daniel, e muita gente mais antiga não foi e fica meio dando uma tiradinhas pro cara.

S – Hoje em dia, por exemplo, eu vou te colocar assim, quem não é: nós temos Tim, Frô, Marcão e Afonso. O Tim, a Frô e o Afonso começaram junto com o Oscar uma clínica que o Fontana tava fazendo a muito tempo atrás, foi, foi, foi acabaram desistindo no meio do

caminho, o Oscar foi acabou passou. Demorou 2 anos, mas passou. Depois começaram vocês três...

G – Eu, o João, a Frô e o Dani.

S – A Frô parou. Nessa que vocês foram pro Rio, todo mundo foi convidado. A gente abriu pra todo mundo. Eu ainda não tava, mas as gurias me ligaram e disseram: ó, a gente mandou pra todo mundo. Mandaram no e-mail de todo mundo. Tu recebeu o mail né?

G – Sim.

S – Tal, tal, tu vai ir lá agora. Tô te falando hoje, acabei de mandar um e-mail pra ele. A clínica que vai ter em Florianópolis agora, mandei e-mail pro Marcão, mandei e-mail pro Tim, mandei e-mail pro Afonso e mandei e-mail pra Frô. São os quatro que eu tô mandando, de novo...

G – Mais uma vez...

S – Mais uma vez, mais uma chance pra eles se manifestarem pra ir pra clínica em Florianópolis.

G – A gente teve que ir até o Rio.

S – Mandei pra eles, preciso de uma resposta deles até semana que vem, pra fazer a inscrição deles. São os quatro que eu vou...

G – Indicar.

S – Já passei pro Gomes os nomes dos quatro, ele só pediu pra confirmar se eles vão, pra não fazer a inscrição e depois chegar lá e os cara não vão. Mandei e-mail pra eles hoje, eles precisam me responder se sim ou se não, eu preciso disso documentado, entendeu? Eu tenho que ter isso aí. Depois, uma outra clínica que vai ter, eu vou tirar outras pessoas. Ah, mas o fulano já... Tu teve a tua chance, não é a primeira vez, teve a segunda chance, teve a terceira chance... O outro vai vim e vai comer.

G – No nosso mundo pra ter uma chance já é complicado, ter três chances e não aproveitar...

S – Então assim, ó, não vou ir porque... eu já tive uma resposta assim: eu não vou passar no físico... eu preciso que tu me mande uma resposta dizendo vou na clínica ou não vou na clínica. Se é por causa do físico, ou não, eu não preciso saber. Eu preciso saber. Eu sei que o cara não vai ir porque ele não vai passar no teste físico. Então... vai desistir? Vai. Então vai chegar outro e vai, vai passar por cima. É a vida, né? Tu tá tendo a tua chance, se tu não treina, se tu não te dedica, aí é o que que tu quer. Tu tá aqui pra ganhar dinheiro, tá aqui pra te divertir, tá aqui pelo social... dentro de cada grupo tu tem teus objetivos. Tem gente que tá querendo coisas... mais...

G – Maiores...

S – Que é o teu caso, que é o caso do Daniel, que é o caso do João, não sei se os três vão conseguir, mas quando tiver uma outra clínica pra... são os caras que nós vamos trabalhar. Nós temos mais hoje o Caco, Vinadé e o Oscar. São 6 nacionais aí que tem. O Caco automaticamente tá fora né? Em função do problema que ele tem. Os outros quando tiver essa oportunidade vão ser indicados e cada um vai fazer o seu trabalho. E dentro dessas outras categorias é tudo a mesma coisa.

G – Beleza, show de bola. Fala um pouquinho sobre formação continuada, o que tu entende por formação continuada, clínicas, se tem alguma durante o ano, se tem, o que que é, as nossas reuniões...

S – Eu tenho desde o ano passado, quando eu comecei a dar uma assumida nessa parte das reuniões, eu tenho colocado pra cada reunião a gente trabalhar um...

G – Na real assim, fala como é que são as reuniões, quando acontecem, tudo.

S – Ok. Dentro da Federação, nós temos uma vez ao mês, uma reunião onde os árbitros são convocados ou são convidados a participarem. Então dentro dessas reuniões são tratados os assuntos internos, desde assuntos gerais que são regras, a parte administrativa, valores de taxas, tudo dentro disso aí. E dentro desse é dedicado um tempo pra parte técnica, que envolve regras, mecânica de arbitragem pode ser trabalhado, essa próxima reunião agora eu convoquei o Oscar e o Vinadé, que fizeram um curso sobre arbitragem de cadeiras de rodas em Caxias, a falarem sobre o assunto, certo? Pode ser que não dê tempo porque parece que vai ter um jogo no dia.

G – Tranquilo. E clínica?

S – Clínica, uma por ano, pelo menos é o que a gente tá querendo fazer, pelo menos, de atualização. Essa esse ano foi fraca, não digo mal organizada porque tentou se fazer, mas teve alguns jogos, que o que a gente conseguiu fazer ali foi o que deu. Só que o público, tinha gente que teve jogos no dia e nem todo mundo teve a oportunidade de participar. A gente vê se organiza mais isso aí...

G – Mas uma por ano? No começo?

S – Pelo menos. No começo do ano a gente quer fazer.

G – E agora, tamo chegando no final... agora fica mais fácil de responder essas aqui. Como funcionam as escalas de arbitragem? Antes, isso aqui eu já perguntei, fiz a entrevista com o Barbosa faz um tempo já, foi ano passado, tu ainda não tinha assumido, então aí eu perguntava quem eram os responsáveis, se tinha algum ranking de árbitros, e acho que já entra naquela de primeira, segunda, terceira... Quem escolhe, quem são os indicados pra brasileiro de base, essas coisas assim. Então eu quero que tu fale um pouquinho sobre como tu tá fazendo as escalas agora, como é que era o processo antes, de repente tu falar é uma boa...

S – Certo. Até o ano passado tava sendo feita pela Federação. Era a Dani que fazia as escalas, no final do ano entrou o Bruno, como diretor técnico e diretor de árbitros, a parte do adulto ele que fez. Então ela sempre fazia. O que que ela fazia? Primeiro: precisa de um tempo pra

fazer as escalas. Isso aí, tu fazer sem remuneração é complicado. E ela tinha esse tempo lá, teoricamente, então ela fazia essa parte. Era o melhor, não era o melhor? Não sei.

G – Não interessa.

S – Hoje em dia, esse ano, com o afastamento do diretor técnico e conseqüentemente com o afastamento do diretor de árbitros, o Gilson convidou a gente, eu e o Barbosa, a formar uma comissão e tirar da Federação esse ônus, essa carga, das meninas que faziam as escalas. Então o que que nós estamos fazendo hoje... hoje em dia com a internet, tu consegue fazer coisas bem mais rápido. Se eu tivesse que ir na Federação, ficar lá uma tarde por exemplo fazendo, ficaria complicado. Então ela me passa os jogos, nós montamos uma estrutura dentro do próprio site da Federação, onde as escalas do campeonato estadual serão colocadas lá com uma semana de antecedência. Isso aí livrou custos, porque antigamente ela fazia a escala e tinha que ligar, então, por exemplo, nós tínhamos 10 jogos com 20 pessoas atuando, ela teria que ligar 20 vezes pra essas pessoas. Então nós montamos essa estrutura agora no site da Federação, onde pelo menos pro campeonato estadual, onde cada um tem o seu nome lá, aí a pessoa liga, manda e-mail, um torpedado, por msn não interessa, dizendo se vai poder ou não, e dentro dessa parte eu já tenho a disponibilidade das pessoas, uma disponibilidade geral, daí eu tenho pra poder fazer a escala. O que que eu procuro? Primeiro: eu tenho um ranking de árbitros, um ranking meu, que não foge muito do que é nacional, internacional, primeira, segunda, é... enfim. Tenho a disponibilidade das pessoas e conforme os jogos que vão acontecendo eu vou montando essa escala. Priorizo a parte técnica do árbitro e a parte técnica do jogo. Procuro colocar, às vezes, árbitros mais antigos com árbitros mais novo, dependendo do jogo, árbitros mais antigos, muitos por merecimento, né? E a parte técnica.

G – Como é que tu vê assim a... esse critério que tu fez...isso que tu disse por tu participar de jogos... se tu... voltando lá atrás ainda, se o cara é de terceira e vai passar pra segunda, como é que tu consegue ver essa experiência? Tu tem feedback de outras pessoas? De quem trabalha com ele nos jogos? Como é que funciona?

S – Eu conheço todos os árbitros. Nosso quadro não é muito grande. Pelo tempo que eu tenho já... E mesmo antes de eu ter essa função que eu tenho hoje, eu conheço todo mundo da Federação. E se tu olhar uma pessoa, se eu olhar uma pessoa apitando um dia, já vou saber se o cara tem ou não condição. Ele vai melhorar, pode melhorar, mas teoricamente ele tem que demonstrar dentro da quadra. Como é que ele vai fazer isso? Atuando, pra ele poder melhorar. Como funciona num emprego hoje em dia, tu vai buscar um emprego e o cara coloca lá que tem que ter experiência, mas tu recém saiu da faculdade... Como é que eu vou buscar essa experiência? Essa experiência eu vou dar pra ele dentro da quadra. Pra eu poder cobrar ele, eu vou ter que colocar ele dentro da quadra. Então, muitas vezes eu vou colocar um cara mais novo, eu evito às vezes de colocar dois caras novos no jogo, porque sempre tem que ter um cara experiente. Mesmo que esse cara experiente não consiga tocar o jogo, mesmo que o cara mais novo seja, entre aspas, o árbitro da partida. Mas, ele é que vai ter essa função.

G – Tá, então tu conhece de apitarem contigo?

S – Isso. Hoje esses árbitros eu conheço todos de apitar. E eu vou a jogos, eu tô indo a jogos. Quando eu não to apitando eu vou a jogos. Não tenho jogo, não to apitando, vou lá dar uma olhada no jogo. Vou ver como é que é, como não é. E até pra conhecer as equipes também.

Porque as equipes vem do interior, muitas a gente não conhece. Eu preciso conhecer as equipes pra colocar os árbitros que eu tenho pra determinados jogos. Isso a nível regional. Com relação a campeonatos brasileiros de base, que tu falou, os campeonatos brasileiros de base, que nós conversamos com essa nova coordenação da CBB, primeiro ponto que eles querem são árbitros regionais. É o primeiro ponto que eles querem trabalhar. Sub-15, sub-17, sub-15 mais regionais, dependendo o estado que tá organizando o campeonato, tu pode até mandar 2 árbitros, um regional e tu pode colocar até outro nacional, ou se tu não tiver árbitro nacional, depende do estado. Essa será a diretriz esse ano, então to te colocando agora. Tem campeonato de base sub-15 feminino, masculino, sub-17 agora. Então no sub-15 vão árbitros regional, no sub-17 vão árbitro regional. Os árbitros nacionais, o que que eles tem, quando tem torneio, convocação da CBB eles estão numa outra esfera. Então eles saem dessa esfera regional, onde eu coloco eles pra apitar também, mas aí eles já estão galgando outra situação.

G – É o que eu já comentei com outros árbitros... Não adianta tu mandar um árbitro nacional prum Brasileiro Sub-15, se tu mandar um regional ele vai aprender muito mais, do que um nacional. Claro que o nacional vai aprender também, porque tem pessoas mais experientes, porque tem alguém coordenando a arbitragem nacionalmente.

S – Pelo que eu entendi, eles vão trabalhar, tu tem que ter assim... não adianta tu só mandar os caras mais novos com as delegações, um verdinho, e tu não ter no campeonato um cara experiente. Quando a gente fizer aqui no estado por exemplo, o sub-17 por exemplo eu vou mandar um regional mas vou mandar um nacional também. Porque eu tenho que ter algum cara que dê suporte aqui e ele deve trazer algum árbitro... eu acho interessante, já falei pra ele... de levar um árbitro internacional em cada campeonato desses daí, eu conversei com ele, já falei com o Piovezan também. Porque não adianta tu chegar lá só com os caras novinhos, que é o que o Fontana fazia por exemplo, nos escolares. Ele sempre levou o Vander, levou a Carla, levou a Flávia, leva o Jack, leva esses pessoal mais antigos, nacionais, internacionais e a gurizada mais nova que ele quer investir.

G -Já consegue inclusive trocar experiência.

S – Isso aí é importante. Então os nacionais, aí vocês vão brigar, brigar entre aspas, por ter o espaço deles dentro do campeonato brasileiro adulto, feminino, masculino e torneios que a gente tiver e pode mandar.

G – Beleza, show de bola. Mais uma coisa, tamo encerrando já, tem alguma planilha de acompanhamento, tipo quando tu vai no jogo, tem alguma base, o que que tu avalia?

S – Isso aí nós estamos criando agora.

G – Ah, é?

S – É. Eu nunca tive uma avaliação. Sempre, desde que eu entrei aqui, as pessoas comentam e tal. Eu tive uma reunião agora com o Gilson, umas duas, três semanas atrás e a gente colocou algumas coisas e eu passei pra ele essa idéia. Ele perguntou: Serpa, como é que tu... ah, eu vejo o fulano assim, começou a me citar alguns árbitros. Então vamos fazer o seguinte, vamos criar alguma coisa.

G – Muito mais prático.

S – O Barbosa já me mandou uma tabela, pedi pro Gilson uma tabela, pedi pra Dani fazer alguma coisa, a Dani já me mostrou alguma coisa que tinha antigamente de avaliação, e eu quero montar isso. Eu quero passar pro árbitro como a gente vê ele. Não é avaliar ele, eu quero passar como as pessoas te vêem hoje. Quem serão essas pessoas? Eu, o Barbosa, a Dani, a Simone – o porque das duas: porque as duas são representantes, elas são delegadas e elas estão nos jogos, então elas tem uma visão; elas não vão ter a visão técnica do árbitro ali, mas elas vão saber como o árbitro administra uma partida. Tu não precisa ser árbitro pra saber se o cara, não apitou mal, mas se tu deixou de penalizar um técnico que tá reclamando demais, a parte administrativa da quadra, teu comportamento no ginásio. O Gilson, o presidente e o vice. O Gilson ele vê jogos e o Tunn também. O que que nós vamos fazer, a minha ideia é pegar a opinião deles, o Barbosa fez um quadro, nós vamos discutir isso aí, nós vamos ter um quadro, por exemplo: horário – bom, muito bom, ruim, o cara cumpre o horário, sim ou não. Parte administrativa do jogo, nós não vamos colocar um jogo, nós vamos colocar o que que tu tem hoje, essa visão que a gente tem de ti. Muitas vezes o Gilson vai tá colocando coisas do campeonato do ano passado, muitas vezes ele não vai ter opinião, ah, esse eu não vi. Aí tu vai ter opinião minha e do Barbosa e a gente vai fazer um resumo. Aí, observação: pontos positivos, tal, tal, tal... pontos, eu coloquei assim, não negativos, pontos a melhorar, entre aspas são pontos negativos que tu tem, mas o que que tu precisa pra melhorar. Então por exemplo o Marcão, uma parte que é assim é a parte física, que é mesmo um ponto a melhorar, o que tu pode melhorar? Tua parte física, de repente tu é um bom árbitro tecnicamente, mas tua apresentação na quadra, em termos de... não a estética em si, to te colocando nomes assim, nada denegrindo a imagem das pessoas, to te dando um exemplo claro, porque tu conhece o exemplo e a pessoa sabe, ele sabe.

G – Não, não, claro.

S – Ah, tecnicamente é um bom árbitro? É. Poderia melhorar? Pode. Fisicamente? Deixa a desejar. Entendeu? Isso aí que... ah, é motivação... Então a gente tá planejando, to pensando nisso, to montando essa estrutura e vou entregar para cada um. Ah, quero fazer esse ano isso. Daqui a pouquinho a gente tá vendo os jogos, vamos ver se esse ano a gente entrega isso. Avaliação, como é que tu tá te vendo hoje no teu trabalho? Pra gente ter uma... a gente guarda...

G – Pra tu ter uma...

S – Não é que tu seja avaliado pra tu poder cobrar...

G – É pra tu ter um retorno.

S – Pra assim, ó, Guilherme eu acho que tu pode ser um pouquinho mais duro, acho que a tua corrida tu pode... Mas pontos claros, não que tu precise encher aquilo ali, como avaliação de um aluno que tu tem que escrever um monte de coisas pro cara ver que tu tá... Por isso que o Barbosa falou em de repente fazer um quadro. Então a gente vai pegar os pontos que acha que tem botamo ali no quadro, bom muito bom e tal, observações, pontos a melhorar. Acho que vai ser, um trabalho bem legal. É trabalho, é trabalhoso? É, mas acho que é uma coisa que todo mundo pode crescer.

G – Voltando pra outra escala que é o Futebol, tem dinheiro envolvido, lá no site da CBF eles tem, planilha de acompanhamento e tu tem os observadores de jogos, aqui no Rio Grande do Sul tem, sei lá, 10 observadores. Pra tal jogo tu tem tal árbitro, tal assistentes, tal mesa, tal quarto árbitro e tal e tal observadores, então tu tem no jogo tal cara só pra te observar. Ele vai ganhar uma taxa xis pra ir no jogo observar o árbitro. São obrigados a ir porque se não perdem o... E aí lá tu tem planilha e coisa e tal e tu tem que ver tu isso aqui, ah, movimentação do árbitro, tá, é assim. Tudo.

S – Isso aí, claro que a gente não vai poder fazer uma avaliação por jogo, porque não vai ter sempre uma pessoa no...

G – Sim.

S – Nos jogos. Então o que eu vou pegar, vai ter a opinião de cada um hoje, como é que tu vê o Guilherme? Dani, como é que tu vê ele? Vou pegar com o Barbosa, vamos por aqui, pá, pá, monto ali e, Guilherme, isso aqui é a tua avaliação. Então tu sabe quem fez isso foi eu, a Dani, tu, o Gilson, tal, tal. Esse foi o pessoal que fez.

G – De repente mais pra frente botar, uma idéia que tive agora, de repente colocar os delegados, porque eles tão sempre nos jogos, né? E poderiam...

S – Mas é isso que eu tô falando...

G – Uma maneira de...

S – O delegado eu já acho complicado porque a parte técnica ele não vai poder avaliar, sabe, eu sempre fui contra isso nos jogos de brasileiro, um delegado, um representante avaliar a parte de arbitragem. Hoje em dia tudo bem, tem vários que podem avaliar que foram árbitros, mas mesmo assim, essa não é a função deles. Eles foram chamados, fizeram uma reunião pra conversar, aí começaram a falar pô tu podia mudar isso aí, tal e tal aí começaram a reclamar dos cara da liga. Aí os cara entraram de sola, os caras receberam uma nota, dizendo ó, vocês não podem entrar nos vestiários nos intervalos. Antes do jogo eles não querem ninguém, porque os caras iam lá e ficavam enchendo o saco. Querendo dar palpite, entendeu?

G – É, é diferente.

S – Se tu vai colocar essa parte, essa parte eles tem de avaliação, o delegado tem uma folhinha ali de avaliação, se o árbitro chegou no horário, como é que foi o comportamento dos técnicos, dos bancos, se a mesa estava uniformizada, se os árbitros estavam uniformizados, então essa parte ele tem ali. Cada fim de semana tem essa avaliação. Isso que eu quero passar pros árbitros é como a gente tá te vendo hoje, sabe? Não por esse jogo de agora, de hoje, mas... essa administração tá entrando hoje, esse é o primeiro ano dela. Eles entraram no meio do ano passado, até o cara se estruturar... agora que eles estão mexendo em tudo. Esse ano eles entraram com os dois pés, o Gilson tá sempre na Federação, daqui a pouquinho me liga: Serpa, entrou aqui no site um cara lá de Caxias reclamando que o árbitro não sei o que e coisa e tal, o que tu acha disso? Pumba. Tô sempre entrando em contato com ele. Tu vê que os caras querem trabalhar. Se vão conseguir, se não vão, mas eles tão querendo. Estão se cercando de

gente que teoricamente são... o Mário é um cara que tá com eles hoje na Federação, faz parte do grupo. Não sei qual é, gestor não sei do que, mas tá junto. O outro lá de Caxias, o outro não sei do que, então todo mundo tá... Se querem fazer uma coisa boa, tem que tá todo mundo, não adianta só eu, eu, eu.

G – Sim.

S – Só a Federação. O que que é bom? O que que tu acha que tem que melhorar? Ah, eu acho que deve melhorar isso, então vem me ajudar. Não é isso que tu quer, então vem comigo aqui.

G – Vem botar a mão na massa junto.

S – Ah, mas eu... ah... Aí é fácil... Reclamar é fácil, então vem aqui comigo. Essa é a melhor coisa que eles tem pra fazer.

G – Tá, agora a última coisa só que a gente tava comentando, que eu tive com o Mário, sobre veto de arbitragem, se tem, como é que é, se tu já sofreu, na nacional, como é? Da parte de clube, né?

S – O veto assim, eu sou totalmente contra o veto. Eu como to assumindo isso aqui, o clube vai chegar, vai mandar e-mail como já mandaram, não quero fulano de tal, não quero fulano de tal, se ele me der um motivo plausível do que aconteceu, eu vou conversar com o árbitro pra saber o que houve. Porque simplesmente chegar e, ah, eu não gosto do cara porque o cara me dá técnica, me dá isso, isso pra mim não é motivo. Entendeu? Agora se aconteceu um problema no jogo, teve que colocar o técnico pra rua, foi difícil de lidar... eu mesmo não vou colocar o cara.

G – É diferente veto de preservação.

S – Agora nível de confederação eu mesmo não posso te dizer porque eu não sei como é que funciona. Mas eu passei por isso em Franca. Que eu fiquei três anos sem apitar em Franca, mas por preservação, não porque Franca... eles até pediram aquele ano lá que, eles até pediram pra não apitar a final contra Brasília. Mas isso eles pediram na Confederação. Mandaram e-mail e tudo que eu não apitasse a final contra Brasília. O Luis Antônio que era o coordenador falou Serpa, eles mandaram isso aqui, só que nós não vamos aceitar e tu vais. O Fontana chegou e me contou isso aí e me disse eu não vou te colocar na final agora, por quê? Porque tu ta indo pra um mundial. Eu tava indo, em 2 semanas, e se eu apitasse era um jogo da final. E depois eu não iria apitar, porque eu iria pro mundial. Então eu não vou te colocar nesse jogo porque eu não quero. Eu quero que tu vá bem. Vai que acontecesse alguma coisa nesse jogo, os caras enchem o saco, perdem e tu vai sair daqui. Então tu vai lá, faz tranquilo o teu trabalho. Depois ele não me colocou mais pra apitar lá, nem eu apitei jogo de Franca, mas porque ele não quis. Nada que... né? Tanto que eu entrei esse ano de novo. Joinvile também teve uma fase que eles chegaram e mandaram pra... porque eu apitei muito em Joinvile, então enquanto o time de Joinvile tava ganhando, beleza. Perdeu umas 5 partidas no outro ano comigo lá dentro, aí os caras já mandaram uma cartinha pra Confederação. Oh, as semi-finais a gente não gostaria que tal e tal... Primeiro jogo da semi-final eu tava escalado. No primeiro jogo. E os caras olharam assim... Não, os caras vieram: bah, olha, parece que mandaram uma carta, todo mundo sabe. E os caras de Joinvile: oh, a gente não teve nada a ver com aquilo,

foram os empresários e eu: é? Nem to sabendo, to aqui, to trabalhando. Sabe? Isso aí pra mim não existe, né? Os clubes até podem, podem querer, podem forçar. Aí depende muito de quem tá mandando. Se eu chegar pro presidente da Federação e ele chegar e falar pra mim: Serpa, aconteceu isso e isso em tal jogo, que tu acha? Vamos preservar? Preservar! Agora jamais deixar... O Chocolate fez um veto agora, te contei?

G- Não.

S- Não! Mandou um veto pra Federação, que não queria 3 árbitros.

G- Ah é?

S- É. Ele não queria o Timm, to te contando isso é..., que ele não queria o Timm, por que o Timm? Porque num jogo lá, eu acho que tu tava junto, no ano passado, o Timm botou ele pra rua.

G- Aham.

S- Tu tava nesse jogo?

G- Tava.

S- Então ele não queria o Timm. E ele não queria nem a Daniela e nem eu, pra apitar os jogos, os jogos dele, porque... não tinha motivo. Por que? Porque o Timm botou ele pra rua e a Daniela e eu, certamente se ele falasse alguma coisa, iríamos por ele pra rua também. Né?

G- Uhum.

S- Então até por isso eu fiz questão de ir, agora esse fim de semana lá em Santa Cruz. A Dani ir e o Timm não podia ir. Se não o Timm tinha ido na... Entendeu? E o Gílson sabia disso. Sabia... Então não...

G- Não tem.

S- Não existe essa... É a preservação como tu fala. Pro bem até do árbitro também.

G- Uhum.

S- O Daniel foi um que lá em Pelotas no ano passado, também. Que ele encheu o saco de vocês no ano passado. Ah porque eu não queria apitar mais jogo do fulano, não sei o quê... Entendeu?

G- Se tu deixar ele madar, tu...

S- Agora, se cada um que vai dizer, vai falar, aí tu não tem controle nenhum.

G- Tranquilo. É isso aí Serpa.

